



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO SOCIAL



MELINA MELGAR

**POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES EM CORUMBÁ-MS**

CORUMBÁ/ MS

2024

MELINA MELGAR

**POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES EM CORUMBÁ-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação Social.

Linha de pesquisa: Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares.

Orientadora: Cláudia Araújo de Lima.

CORUMBÁ-MS
2024

POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES EM CORUMBÁ-MS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, Linha de Pesquisa “Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares”, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMIDADORA

Profa. Dra. Cláudia Araújo de Lima (Presidente)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS)

Profa. Dra. Bárbara Amaral Martins (Membro titular interno)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS)

Profa. Dra. Lucilene Machado Garcia Arf (Membro titular externo)
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS/
Programa de Pós- Graduação em Estudos Fronteiriços- PPGEF)

Dedico à memória do querido, humano, dedicado e amigo Prof. Dr. Jorge Luiz Mazzeo Mariano, que acompanhou meu processo de formação com muito afeto e carinho, da graduação ao mestrado. Sempre foi um incentivador da educação e se faz presente nos corações daqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.
Mas eu recebo.
É uma bênção.
Às vezes se tenho tristeza, as andorinhas me
namoram mais de perto.
Fico enamorado.
É uma bênção.
Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.
Eles se tornam.
É uma bênção.
Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de Deus!
Eu só queria agradecer.
(Barros, Manoel. O fazedor de amanhecer. 2014).

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o gesto de retribuir todo afeto e carinho que nos são ofertados, não só em momentos de muitas felicidades, mas também em momentos de angústia. Assim, agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui. Por ter tirado do meu coração a dúvida de dar continuidade à minha vida de pesquisadora. Por ter me mostrado o quão forte eu sou. Por ter me dado discernimento para conseguir conciliar minha vida de mãe, profissional e pesquisadora.

Agradeço à minha família, que sempre foi minha base. À minha mãe, Mirian Melgar Sanches, que, com muita luta, me incentivava a estudar e que me mostrou que a educação é a única coisa que ninguém jamais pode tirar de você.

Meus agradecimentos ao meu companheiro e ao meu filho, Mario Henrique Onde Alves e Murilo Melgar Onde Alves, por estarem ao meu lado nessa trajetória acadêmica, por terem paciência, tendo em vista que eu tive que abdicar de muita coisa com eles para estar ali. Por me apoiarem e me incentivarem nos meus momentos de fraqueza. Por serem meu norte e minha fortaleza.

Agradeço à Profa. Micheline Medeiros dos Santos Sant'Anna, Profa. Dra. Márcia Regina do Nascimento Sambugari e Profa. Jusley Monteiro de Sousa, por serem apoio, incentivo e referência durante a escrita da minha dissertação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cláudia Araújo de Lima, pela orientação e disponibilidade. Aos professores das bancas de qualificação e defesa, Profa. Bárbara Amaral Martins e Profa. Dra. Lucilene Machado Garcia Arf, pelas leituras cuidadosas e pelas valiosas contribuições.

Aos Contadores de Histórias que aceitaram participar e contribuir ricamente para a minha pesquisa.

Aos meus colegas que compartilharam dúvidas, angústias, ansiedades, amizade e risadas ao longo desse processo, em especial à minha amiga Kamile Frias, que caminhou ao meu lado desde a graduação e que sempre foi minha mão amiga e colo nessa caminhada.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram de alguma maneira a realizar esse sonho.

Melgar, Melina. **POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES EM CORUMBÁ-MS**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, Corumbá, 2024.

RESUMO: A pesquisa “POTENCIALIDADES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES EM CORUMBÁ-MS” insere-se na linha de pesquisa Práticas educativas, formação de professores(as)/educadores(as) em espaços escolares e não escolares do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus do Pantanal (UFMS-CPAN). A contação de histórias é uma ferramenta utilizada há milhares de anos e que pulsa atualmente em vários segmentos da sociedade, mas principalmente em espaços não escolares. Este estudo possui como objetivo geral analisar as potencialidades e contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento de crianças a partir da ótica e percepções dos contadores de histórias, em espaços não escolares, presentes na cidade de Corumbá/MS; os objetivos específicos foram: (i) sistematizar as experiências da contação de histórias em espaços não escolares em Corumbá-MS; (ii) identificar as contribuições da contação de histórias na interação e desenvolvimento em espaços não escolares; (iii) identificar o olhar do contador de histórias no processo de planejamento e escolha para a realização das sessões de contação de histórias. O público do estudo foi composto por 11 sujeitos. Para tal fim, valeu-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, tomando como base dados bibliográficos e documentais a respeito da contação de histórias e do papel do contador/narrador, além de embasar-se na busca de resultados, no estudo de caso e análise de conteúdo sob a luz da teoria de Bardin (1977), para compreender a função e a importância dessa ferramenta no desenvolvimento de crianças presentes nesses espaços através de coleta de dados em formulário eletrônico. Análise e resultados presentes em VI categorias demonstraram as potencialidades da contação de histórias em impulsionar a imaginação, oralidade, pensamento crítico, reflexões, hipóteses, discussões, um repertório rico para o vocabulário, entre outros. Diante do exposto, é perceptível a sensibilidade presente nessa arte, e o quanto sua prática contribui para aqueles que participam das contações nesses espaços não escolares, além de permitir a troca de emoções e sentimentos para a formação da identidade.

Palavras-chaves: Contação de histórias. Espaços não escolares. Criança. Desenvolvimento.

Melgar, Melina. **POTENTIAL OF STORYTELLING IN NON-SCHOOL SPACES IN CORUMBÁ-MS.** 2024. Dissertation (Master's in Education) – Federal University of Mato Grosso do Sul, Pantanal Campus, Corumbá, 2024.

ABSTRACT: The research “POTENTIALITIES OF STORYTELLING IN NON-SCHOOL SPACES IN CORUMBÁ-MS” is part of the research line Educational practices, teacher/educator training in school and non-school spaces of the Graduate Program in Education at the Federal University of Mato Grosso do Sul - Pantanal Campus (UFMS-CPAN). Storytelling is a tool that has been used for thousands of years and currently resonates in various segments of society, but mainly in non-school spaces. This study's general objective is to analyze the potentialities and contributions of storytelling to children's development from the perspective and perceptions of storytellers in non-school spaces in the city of Corumbá/MS. The specific objectives were: (i) to systematize the experiences of storytelling in non-school spaces in Corumbá-MS; (ii) to identify the contributions of storytelling in interaction and development in non-school spaces; (iii) to identify the storyteller's perspective in the process of planning and selecting the storytelling sessions. The study population consisted of 11 subjects. To this end, a qualitative, bibliographic research approach was used, based on bibliographic and documentary data about storytelling and the role of the storyteller/narrator, as well as being based on the search for results, in case study and content analysis in light of Bardin's theory (1977), to understand the function and importance of this tool in the development of children present in these spaces through data collection via electronic forms. Analyses and results in VI categories demonstrated the potential of storytelling in boosting imagination, orality, critical thinking, reflections, hypotheses, discussions, a rich repertoire for vocabulary, among others. Given the above, the sensitivity inherent in this art is perceptible, as is how much its practice contributes to those who participate in storytelling in these non-school spaces, in addition to allowing the exchange of emotions and feelings for identity formation.

Keywords: Storytelling. Non-school spaces. Child. Development.

Melgar, Melina. **POTENCIALES DE LA NARRACIÓN EN ESPACIOS NO ESCOLARES DE CORUMBÁ-MS**. 2024. Disertación (Maestría en Educación) – Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal, Corumbá, 2024.

RESUMEN: La investigación “POTENCIALIDADES DE LA NARRACIÓN DE CUENTOS EN ESPACIOS NO ESCOLARES EN CORUMBÁ-MS” se inserta en la línea de investigación Prácticas educativas, formación de profesores/as/educadores/as en espacios escolares y no escolares del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso del Sur - Campus del Pantanal (UFMS-CPAN). La narración de cuentos es una herramienta utilizada desde hace miles de años que actualmente resuena en varios segmentos de la sociedad, pero principalmente en espacios no escolares. El objetivo general de este estudio es analizar las potencialidades y contribuciones de la narración de cuentos para el desarrollo infantil desde la perspectiva y percepción de los narradores de cuentos, en espacios no escolares, presentes en la ciudad de Corumbá/MS. Los objetivos específicos fueron: (i) sistematizar las experiencias de narración de cuentos en espacios no escolares en Corumbá-MS; (ii) identificar las contribuciones de la narración de cuentos en la interacción y desarrollo en espacios no escolares; (iii) identificar la perspectiva del narrador de cuentos en el proceso de planificación y selección para la realización de las sesiones de narración de cuentos. La población del estudio estuvo compuesta por 11 sujetos. Para ello, se utilizó un enfoque de investigación cualitativa, bibliográfica, basado en datos bibliográficos y documentales sobre la narración de cuentos y el papel del narrador, además de basarse en la búsqueda de resultados, en estudio de caso y análisis de contenido a la luz de la teoría de Bardin (1977), para comprender la función e importancia de esta herramienta en el desarrollo de niños presentes en estos espacios a través de la recopilación de datos mediante formularios electrónicos. Los análisis y resultados presentes en VI categorías demostraron las potencialidades de la narración de cuentos en impulsar la imaginación, la oralidad, el pensamiento crítico, las reflexiones, las hipótesis, las discusiones, un repertorio rico para el vocabulario, entre otros. Ante lo expuesto, es perceptible la sensibilidad presente en este arte y cuánto su práctica contribuye a quienes participan de las narraciones en estos espacios no escolares, además de permitir el intercambio de emociones y sentimientos para la formación de la identidad.

Palabras clave: Narración de cuentos. Espacios no escolares. Niño. Desarrollo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos participantes	28
Gráfico 2 – Sexo dos profissionais.....	29
Gráfico 3 – Como você se identifica?	30
Gráfico 4 – Formação Acadêmica.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tempo de atuação.....	31
Quadro 2 – Espaços de atuação	31
Quadro 3 - Subcategorias: Influência de familiares e/ou influência no processo de graduação.....	60
Quadro 4 - Subcategoria: Faixa etária do público; emoções; pesquisas.....	64
Quadro 5 - Subcategoria: Repertório prévio; ensaio; conhecimento do público.....	66
Quadro 6 - Subcategorias: Crianças; adolescentes; adultos; idosos	70
Quadro 7 - Subcategorias: Respostas não verbais; interação	71
Quadro 8 - Subcategoria: Desenvolvimento; potencialidade	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 OS ESTUDOS E SUAS VARIÁVEIS FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO – O ESTADO DA ARTE.....	33
3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM BREVE HISTÓRICO	38
4 O CONTADOR DE HISTÓRIA EM CORUMBÁ-MS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: RESULTADOS PROVENIENTES DA ANÁLISE DE DADOS	59
Categoria I- Primeiro contato	60
Categoria II - O repertório	64
Categoria III - Planejamento	66
Categoria VI - Público	70
Categoria V – Objetivos atingidos	71
Categoria VI- Objetivo alcançado	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	82

1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo, quando o mundo era governado por muitos reis e rainhas, existia um reino com um rei¹ muito mesquinho, invejoso, egoísta, vaidoso e autoritário. Esse rei desejava que todas as atenções fossem voltadas apenas para ele. Certo dia, ele descobriu que havia uma certa movimentação em seu reino e que seus servos não lhe davam mais atenção, muito menos aos seus decretos e mandatos.

Chateado com a situação, o monarca, por mais que tentasse atrair o olhar de seus súditos, via-se em completo vão. Todos preferiam passar horas escutando as narrativas maravilhosas dos diversos contadores de histórias que viviam espalhados pelas feiras, praças e mercados daquele reino.

Todo esse encantamento e interesse da população começaram a incomodar o rei, que queria saber a todo custo que tipo de feitiço esses contadores faziam para atrair tanta atenção. E a pergunta que esse rei vaidoso mais se fazia era: como cidadãos comuns, sem nenhum título de nobreza, podem ser mais importantes que o rei?

O rei, então, decidiu convocar todos os contadores de histórias para uma reunião no palácio, mas de forma muito amistosa. Afinal, ele não era bobo e pretendia, com muita astúcia, conhecer as estratégias e artimanhas utilizadas pelos contadores de histórias para que seu povo ficasse tão encantado. E, assim que descobrisse, o rei pretendia eliminar todos eles do seu reino para se tornar o único contador de histórias. Também pudera, um rei competitivo não ia querer deixar concorrência.

Durante a reunião, o rei perguntou: quais são as qualidades de um bom contador de histórias? E, para sua surpresa, a resposta não foi tão simples. Na verdade, não chegaram a um acordo sobre quais seriam essas qualidades. Cada contador de histórias tinha seu ponto de vista. Muitos falavam que era a forma de falar, outros que era a experiência, e havia aqueles que enalteciam a imaginação.

Só sei que o tal rei foi ficando furioso, pois não acreditava que eles não conseguiam chegar a um consenso. Ele, como rei, precisava de uma resposta mais concreta do que aquelas que estava ouvindo. Então, o rei tomou uma decisão: ordenou que todos os contadores de histórias escrevessem artigos sobre as

¹ Conto faz parte do Livro “O ofício do Contador de histórias” de Gyslaine Avelar e Inno Sorsy de 2007. Na ocasião as autoras não fazem menção aos autores nem a origem da narrativa. Releitura da narrativa encontrada no livro.

qualidades de um bom contador de histórias. Como desculpa, disse que não tinha tempo para escutar todos, mas que poderia mandar alguém ler todos os artigos para ele. E assim foi feito.

Muito tempo depois, os contadores de histórias retornaram ao palácio trazendo carroças e mais carroças cheias de livros extremamente pesados, que possuíam todas as informações sobre a arte de contar histórias que eles recolheram em suas andanças. Mas quando o rei se deu conta da quantidade de material que teria que ler ou ouvir alguém lendo, ficou novamente furioso. Ordenou imediatamente que os contadores de histórias resumissem toda aquela papelada em uma única folha. E lá foram os contadores de histórias tentar realizar esse milagre.

Passaram-se muitos anos de dedicação, e os contadores conseguiram resumir tudo e colocar toda a informação contida em muitos livros em uma única folha de papel. O rei ficou muito feliz quando recebeu o que solicitou e decidiu homenageá-los, dando-lhes um prêmio. No entanto, os contadores de histórias não sabiam que esse "presente" era o descanso eterno, o paletó de madeira. O rei chamava um por um e aplicava seu terrível plano.

Quando finalizou o plano e ficou finalmente só, o rei foi ler e descobrir o misterioso segredo. Ele estava muito emocionado, suava frio, sentia borboletas no estômago, suas mãos tremiam. O rei então abriu cuidadosamente o papel e, para sua surpresa, nele estava escrita apenas uma única frase: "O bom contador de histórias, querido rei, é aquele cujas narrativas são lembradas muitos anos depois, mesmo que seu nome já tenha sido esquecido."

O presente estudo tem a finalidade de analisar as potencialidades e contribuições da contação² de histórias no desenvolvimento de crianças, em espaços não escolares, presentes na cidade de Corumbá/MS, a partir da ótica e das percepções dos contadores de histórias. A apresentação deste estudo é iniciada com uma narrativa que marcou minha trajetória como contadora de histórias e me levou a querer investigar o potencial dessa arte. Rememorar essa história traz à tona minhas

² A versão on-line do *Grande Dicionário Houaiss*, veiculada no link <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#2>, traz, desde o ano 2000, o registro da palavra "contação" como sendo um brasileirismo resultante da junção entre contar + ação, significando "ato de contar (no sentido de 'relatar enredo'); narração". Muito empregada na locução "contação de história", ou seja, atividade artístico-educativa que utiliza o relato oral de histórias, geralmente ficcionais.

experiências, os momentos de criação, sonhos, imaginação, atenção e muitas outras emoções.

Às vezes me pego em momentos de reflexão, principalmente quando rememoro esse conto, porque, como pesquisadora, me vejo muitas vezes no papel do rei, mesmo sendo uma contadora de histórias. Quero saber muitos "porquês" ou até mesmo "o quê" em relação a esses profissionais, aos seus ouvintes, aos seus pontos positivos e negativos. Mas, diferente do rei, meu desejo é que eles se multipliquem e que nunca desapareçam.

Problematizando, portanto, a potencialidade da contação de histórias, senti a necessidade de desenvolver uma pesquisa que tivesse como objeto de estudo a minha inquietação e os espaços que me interessam, que são os espaços não escolares. Diante do exposto, o estudo configura-se como bibliográfico, qualitativo, sendo um estudo de caso por se concentrar na fronteira entre Brasil e Bolívia, além de se utilizar da ferramenta de análise de conteúdo (Bardin, 1977).

Além disso, utilizamos estudiosos da área da contação de histórias, como a autora Regina Machado, e os dados obtidos no livro "A Arte da Palavra e Escuta", publicado pela editora Reviravolta em 2015. "Ler e Ensinar: Contar e Dizer Histórias", das autoras Renata Junqueira de Souza, Kenia Adriana de Aquino Modesto-Silva e Juliane Francisqueti Martins Motoyama, publicado em 2020 pela editora Educação Literária, além dos estudos realizados pelos autores Celso Sisto e Cléo Bussatto, dentre outros.

Esses autores defendem a contação de histórias como arte milenar, passada de geração em geração, presente no mundo muito antes da criação da escrita. Não se sabe ao certo o marco real do seu surgimento, mas desde os primórdios os seres humanos tentam transmitir suas crenças, costumes, aprendizados, erros e acertos, dentre outros. Em diversos povos, existem figuras escolhidas para possuir tais sabedorias, como se dentro de suas existências fosse possível encontrar uma biblioteca ou um remédio para tais questionamentos ou curiosidades que surgissem. E quase sempre essa transmissão de saber ocorria com os mais novos em volta dos mais velhos, próximos a uma fogueira (Machado, 2015).

Essa arte de transmissão da tradição oral permite a preservação dos conhecimentos dos povos ou grupos. Essa prática é muitas vezes recordada através de conversas com os mais antigos sobre "causos" e histórias fantásticas de monstros e seres inexistentes. Contar histórias em tempos em que a luz era para poucos, e a

internet caminhava a passos lentos, tornou-se o acontecimento mais esperado por todos, visto que proporcionava momentos de prazer capazes de vencer o ócio em diversos períodos da história (Sisto, 2005).

A contação de histórias, em muitas culturas, podia ser realizada por todos, mas em outras apenas o mais ancião ou o escolhido por ter uma boa memória podia contar aos demais os saberes adquiridos ao longo de sua existência. Uma das figuras presentes na história, por serem escolhidas por possuir uma boa memória e que desempenhavam um papel fundamental e estratégico para seu povo, eram os bardos e trovadores, presentes na Idade Média, tendo em vista que seu principal papel era manter vivo o espírito da batalha, ressaltando as vitórias do seu povo e as derrotas dos inimigos (Silva, 2020).

Outra figura eram os "Griôs", presentes na África, respeitados pelo seu povo como mestres do saber e cultura, passando seus conhecimentos oralmente às gerações. Já aqui no Brasil, a figura presente desde antes da colonização são os indígenas, que já realizavam a contação de histórias, cantos, cirandas e rituais. Assim como os "Griôs", possuíam uma figura anciã para transmitir os saberes do seu povo, os Pajés. Possuíamos ainda os povos africanos escravizados em nosso país que também tinham um líder nos quilombos para repassar suas histórias e saberes em terras desconhecidas (Silva, 2020).

A contação de histórias é prática não só milenar, mas também contemporânea, capaz de ligar assuntos que perpassam contextos históricos de forma lúdica, mostrando apenas com a oralidade os erros e acertos cometidos no passado, uma ponte que liga diferentes dimensões. Isso nos torna mais humanos, porque desta forma podemos perceber nas histórias contadas integridade, tolerância, compaixão e afetividade, e é isso que a torna um ato social e coletivo.

A história oral tem grande mérito de permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis- isto é, que se reconheça neles num estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro. Representações tão reais quanto meios de transporte ou técnicas agrícolas, por exemplo (Alberti, 2004, p. 10).

Nossa imaginação é ativada automaticamente para um mundo de imagens e encantamento, onde a magia se perpetua, verdades e mentiras se ressaltam, e conhecimentos se mesclam aos saberes cultivados ao longo do que se viveu, despertando sentimentos de calma, dor, medo, amor, alegria, saudade, tristeza, ânimo e motivação nos momentos de escuta (Sisto, 2005).

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção (Tahan, 1966, p.16 Apud Oliveira; Dalla, 2011, p. 3).

A figura do contador de histórias passou por várias transformações, partindo daquele que era o escolhido de seu povo para a figura do todo, ou seja, todos podem realizar contações de histórias, desde que apreciem as narrativas, possuam um repertório de histórias — sejam elas contos populares, "causos", fábulas, mitos, apólogos, lendas, entre outros — e tenham uma boa memória. Contar histórias é transmitir aquilo em que acreditamos através da oralidade, e pode ser realizado com recursos, objetos, figurinos, fantoches ou apenas voz e público.

Além disso, não há um único público ou faixa etária para se contar histórias, mas na maioria das ações realizadas atualmente, a contação de histórias vem sendo mais vinculada à infância. No entanto, essa associação entre criança e contação de histórias, para alguns estudiosos, surgiu a partir das transformações sociais e da nova concepção de criança, no século XVIII, quando a criança deixou de ser considerada um miniadulto e passou a ser reconhecida como sujeito em desenvolvimento.

O posicionamento crítico diante de sua essência, tão divergente e contraditória através dos tempos – mesmo quando a situação de “ser criança” era uma incógnita–, coloca-nos diante de uma encruzilhada cheia de ramificações (Dinorah, 1996,25).

E voltando o olhar para esse período histórico, podemos afirmar que a literatura infantil surge primeiramente na França e, em seguida, na Inglaterra. A recém-nascida literatura, nessa época, era voltada para as crianças, que, até então, deveriam estar a par da vida social e da cultura adulta. Essas histórias presentes na literatura infantil, que, no século XVII, foram levadas pelo francês Charles Perrault, eram, primeiramente, contos populares narrados pelas comunidades menos abastadas da França.

No entanto, nem todas as crianças tinham os mesmos acessos. Por exemplo, as crianças filhas dos nobres possuíam maior acesso a essas literaturas, além de um mentor para administrar as leituras dos clássicos que foram surgindo, e isso era visto como um investimento para sua educação. Já as crianças mais pobres não possuíam acesso aos contos de forma física, ou seja, não tinham contato com livros nem um mentor para decodificar a escrita; tinham acesso através da narração de contos de forma oral sobre histórias de cavalaria e aventuras que seus avós e pais viviam (Silva, 2009, p. 137).

Perrault deu início ao seu trabalho de adaptação a partir do registro de contos e lendas populares, que também chegavam à sua família “através de contadores, que, na época, integravam-se à vida doméstica como servos” (Cadertori, 1986, p. 36). Ele adaptava suas obras com a ótica de princípios normativos muitas vezes voltados para a cristianização e a valorização do pudor, além de depreciar o popular e as superstições. Desta forma, seus contos sempre se encerravam com alguma pitada de moral.

Em território brasileiro, a literatura surge no século XIX, devido ao grande aumento da população. O que antes eram apenas comerciantes e administradores passam a ser trabalhadores das lavouras, funcionários de compra e venda e, conseqüentemente, há a entrada de seus filhos em determinadas regiões do país. Devido a isso, houve uma união entre a literatura e a educação através da implementação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI ao país, na qual eram publicadas adaptações de produções portuguesas e obras pedagógicas. Podemos dizer que foi a partir “dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil” (Lajolo, Zilberman, 1987, p. 25).

Segundo Abreu (2005):

Diversos autores representaram, nesse período, a Literatura Infantil brasileira. Entre eles, destacam-se: Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé), Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos Pátrios), Tales de Andrade (Saudade), José Saturnino de Costa Pereira (Leitura para meninos) e Laemmert (Aventuras do Barão de Münchhausen) (Abreu, 2005, p. 13).

Até então, os contos populares eram muito frequentes entre as famílias, mas alguns contadores de histórias vinham se destacando, como, por exemplo, Câmara Cascudo (1898-1986), amante da narrativa tradicional, historiador, antropólogo e jornalista, e Ariano Suassuna (1927-2014), escritor, poeta e dramaturgo (Machado, 2015). Dessa forma, diversos contadores foram surgindo em todos os estados brasileiros e ganhando destaque nos eventos destinados à literatura. Falaremos mais adiante, de maneira aprofundada, sobre esses autores e contadores de histórias que se destacaram.

A literatura apresentada tanto de maneira codificada quanto oral é, provavelmente, o meio apropriado para enriquecer o repertório cultural, além de auxiliar no desenvolvimento e ser uma ferramenta essencial na tentativa de solucionar conflitos de ordem moral, psíquica, ética, social e intelectual.

Dito isso, pensar na contação de histórias em espaços não escolares é inferir a formação de novos leitores, capazes de perceber os sentidos do mundo, resgatar e/ou conhecer novas culturas, pertencimento, memória, identidade, além de perceber o outro e ser mais humano diante das situações do cotidiano.

Segundo Freire (1980):

[...] existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão [...]. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando na relação, portanto, na relação eu-tu (Freire, 1980, p. 92-93).

A contação de histórias, portanto, é uma arte que utiliza a oralidade para transmitir conhecimentos, emoções, sentimentos, culturas, crenças e memórias. E, desde então, vem resistindo às novas tecnologias e aos meios de comunicação, estabelecendo uma função social, cultural e educativa, demonstrando assim sua resiliência em espaços formais e não formais, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento.

Segundo Marcuschi (2001), a escrita e a oralidade possuem traços próprios; dessa forma, a escrita não consegue apresentar ações orais como gestos, movimentos corporais, faciais, sons que as cordas vocais podem emitir e, assim, consequentemente, a fala não consegue apresentar elementos significativos da escrita.

Refletindo sobre esses traços tão próprios da escrita e da oralidade, podemos perceber que elas caminham juntas em vários espaços, mas vou me deter apenas aos espaços não escolares, por fazerem parte do meu objeto de estudo. Podemos perceber, em diversas ONGs, bibliotecas, praças e festivais, o encontro de ambas, escrita e oralidade, mesmo distintas, uma não se desassocia da outra. Mas por que esses espaços proporcionam esses encontros? Por que não ter apenas livros? Por que levar contadores de histórias e a oralidade para esses espaços?

Os espaços não escolares são aqueles “[...] que ficam à margem do organograma do sistema educativo graduado e hierarquizado” (Machado, 2008, p. 7), ou seja, fora do sistema padronizado de ensino, e podem ocorrer, por exemplo, em Organizações Não Governamentais (ONGs), museus, bibliotecas públicas, entre outros espaços que possuem interesse no aprendizado. Esses espaços não escolares, além de contribuírem com diversas ações sociais, políticas e culturais,

fomentam ações ligadas à literatura e à contação de histórias, e isso chama a atenção do seu público e permite que essa ponte exista, pelo fato de possuir um ambiente tranquilo, acolhedor, harmonioso, e a relação dos profissionais que atuam nesses espaços, que, em sua maioria, se baseia na afetividade. É um outro contato humano, mais vibrante, alegre e cheio de mistério.

Esses espaços não escolares, com viés da educação não formal, não possuíam visibilidade diante das políticas públicas nem dos profissionais da educação até a década de 80; até então, eram vistos apenas como uma extensão da educação formal, com ações sempre voltadas aos adultos e ao processo de alfabetização dos mesmos. Mas a educação não formal passou a ter maior visibilidade na década seguinte, com os avanços não só da economia, mas também dos avanços em relação ao processo de aprendizagem e valores culturais (Gohn, 1998, p. 511-512).

Assim como a autora Glória Gohn, compartilhamos do pensamento de que a educação não formal está ligada à cultura, tendo em vista que:

A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história. Ela se constrói na história, está constantemente se modificando mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de geração a geração. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação (Gohn, 1998, p. 516).

A educação não formal possui quatro dimensões de áreas de abrangência, que englobam: a aprendizagem de direitos dos indivíduos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, mas com o fim direcionado para as aprendizagens de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a organização e capacitação dos indivíduos para aprendizagem; e objetivos comunitários a fim de solucionar problemas do dia a dia. A aprendizagem de conteúdos que são desenvolvidos em ambiente escolar, porém em um espaço à parte (Gohn, 1998, p. 516).

Usamos o termo educação não formal neste estudo devido à estrutura e aos objetivos do mesmo, visto que ainda hoje há muita confusão com os termos educação informal e educação não formal, como Gohn (1998, p. 517) afirma:

Alguns autores teimam em denominar o aprendizado de conteúdos não-escolares, em espaços associativos, movimentos sociais, ONGs etc como sendo educação informal. Achamos que essa terminologia e classificação é incorreta pois trabalha-se com um paradigma bipolar onde existem apenas dois tipos de aprendizagem: o escolar e o não escolar.

É exatamente essa estrutura e esses objetivos da educação não formal em espaços não escolares que nos permitem ter um diálogo amplo em relação à contação

de histórias, tendo em vista que esses espaços vêm promovendo cada vez mais o incentivo à leitura através dos clubes de leitura, oficinas e sessões relacionadas à contação de histórias, visto que essas interações proporcionam ao ouvinte e participante novas experiências e aprendizados.

De acordo com Abramovich (1987, p. 17):

[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.

Diante do exposto e das inquietações sobre a contação de histórias sendo utilizada como ferramenta de educação nesses espaços não escolares, alguns questionamentos começaram a surgir, como, por exemplo: Como podemos perceber que os contos florescem dentro das crianças? Quais as contribuições da prática da contação de histórias em espaços não escolares? Quais as contribuições na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que frequentam esses espaços sob a ótica do contador de histórias? O que as crianças expressam nos momentos das contações de histórias? As respostas poderão ser observadas a partir de articulações metodológicas e sistematização de argumentos que podem nos ajudar a compreender melhor os caminhos dessa arte nesse território.

Esses questionamentos ficaram ainda mais intensos diante do movimento em mídias sociais de 2018 para cá, em que diversos contadores de histórias do país passaram a estar mais presentes em espaços não escolares, sendo convidados a se apresentar quinzenalmente, até mesmo de maneira fixa e constante, para a mediação e contação de histórias, além de serem convidados para eventos dentro e fora dos seus estados, de forma a incentivar a leitura. No município de Corumbá-MS, não foi diferente; além de clubes de leitura em redes sociais, dos encontros de contadores de histórias em praças, ONGs e bibliotecas, o Festival América do Sul Pantanal, que ocorre desde 2004, possui um eixo literário com editais para contratações de contadores de histórias municipais, regionais e nacionais.

Entende-se, dessa forma, que a contação de histórias em espaços não escolares abre espaço à criação de novas histórias, ao desenvolvimento de emoções, à imersão em novas culturas e ao pensamento crítico diante das narrativas, além de possibilitar a compreensão da função social do livro, ampliando a relação de

intimidade com eles, como manusear, cuidar, guardar, impulsionando a inserção na literatura por meio do Letramento Literário³.

Diante do exposto, as inquietações perante a temática despertaram na tentativa de compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças através da contação de histórias no ambiente não escolar de maneira prazerosa, visto que realizo contações de histórias não só em ambientes escolares, mas também em não escolares no estado do Mato Grosso do Sul desde 2018, com maior frequência no município que faz fronteira com a Bolívia, Corumbá-MS, e percebo que há vários questionamentos em relação a essa arte e suas contribuições para a infância.

Esse contato fez-me refletir muito sobre as questões referentes à importância da contação de histórias para crianças que frequentam esses espaços não escolares e a formação dos profissionais que utilizam a contação de histórias como uma ferramenta e/ou recurso de aproximação, desenvolvimento e interação.

As inquietudes ficaram ainda mais latentes diante da escassez de pesquisas voltadas para essa temática. Foram realizadas pesquisas em dezembro de 2021 no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando, em busca avançada, os descritores: "Contação de histórias" e "Espaços não escolares", "Contação de histórias" e "Desenvolvimento de crianças", "Espaço não formal", com análises voltadas a teses e dissertações publicadas entre 2018 e 2021, sendo encontrada apenas uma pesquisa, voltada à utilização da contação de histórias em ambiente hospitalar, com data de defesa de 2018, sob o título: "A contação de histórias como tecnologia de cuidado à criança hospitalizada sob a ótica de enfermeiros" - Anna Cecília de Alencar Reis.

Essa pesquisa teve como objetivo central investigar a prática de leitura animada, relacionando o teatro de bonecos e a contação de histórias, com a finalidade de promover um espaço lúdico, interativo e promotor da cultura científica de crianças na primeira infância, além de formular a leitura animada, analisar como as crianças na primeira infância interagem, participam e atuam diante da leitura animada e analisar como as crianças se relacionam com o conhecimento científico dentro de duas unidades escolares em Guarulhos-SP. Outros levantamentos foram realizados em períodos diferentes, porém a falta de estudos nesses espaços era visível, a grande

³ “[...] Processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67).

maioria estava vinculada ao ambiente escolar, desta forma justifico as inquietações e a relevância deste estudo.

Desse modo, o objetivo geral da presente pesquisa foi analisar as potencialidades e contribuições da contação de histórias no desenvolvimento de crianças a partir da ótica e percepções dos contadores de histórias, em espaços não escolares, presentes na cidade de Corumbá/MS. Como objetivos específicos, buscou-se: (a) sistematizar as experiências da contação de histórias em espaços não escolares na cidade de Corumbá/MS; (b) identificar as contribuições da contação de histórias na interação e desenvolvimento de crianças em espaços não escolares; (c) identificar o olhar do contador de histórias no processo de planejamento e escolha para a realização das sessões de contação de histórias.

O texto desta dissertação está organizado em seções, ao todo, contando com introdução e considerações finais, são seis. Na introdução, abordamos o interesse sobre a temática, a justificativa, a problemática e os objetivos. A seção 2 aborda os procedimentos metodológicos da pesquisa, demonstrando o percurso metodológico da pesquisa, a caracterização dos sujeitos participantes, a análise do estudo e o estado da arte. Na terceira seção está presente um recorte do percurso histórico da contação de histórias no mundo até o estado de Mato Grosso do Sul. Na quarta seção, apresentamos as categorias encontradas a partir da análise das questões realizadas com os contadores de histórias do município de Corumbá-MS, ao todo foram seis categorias e resultados.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico do presente estudo, que se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, visto que busca levantar informações em teses e dissertações para discutir uma determinada área de conhecimento, permitindo assim o cruzamento de informações, ideias, fomentar conceitos, além de contextualizar os fatos e atualizar os avanços e retrocessos obtidos em relação ao objeto de estudo (Ferreira, 2002). E “[...] busca-se descrever a complexidade de uma hipótese ou um problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais [...]” (Oliveira, 2007, p. 117).

É um estudo bibliográfico, uma vez que busca o levantamento de teses e dissertações para discutir uma determinada área de conhecimento, permitindo assim cruzar informações, ideias, fomentar conceitos, além de contextualizar os fatos e atualizar os avanços e retrocessos obtidos em relação ao objeto de estudo (Ferreira, 2002). Além de permitir o levantamento de produções científicas em relação a uma determinada temática, uma vez que pretende...

[...] discutir uma certa produção acadêmica [...] tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições tem sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (Ferreira, 2002, p. 257).

Caracteriza-se ainda como qualitativo, tendo em vista que se baseia em estudos já realizados e, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2021, p. 36):

[...] se fundamenta primordialmente em si. O primeiro é utilizado para consolidar as crenças (formuladas de maneira lógica em uma teoria ou um esquema teórico) e estabelecer com exatidão padrões de comportamento em uma população; e o segundo, para construir crenças próprias sobre o fenômeno estudado, como no caso de um grupo de pessoas únicas.

Além disso, “[...] não tem um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador [...]” (Chizzotti, 2006, p. 26). Caracteriza-se também como um estudo de caso, quando está centralizado no município de Corumbá-MS, região que faz fronteira com a Bolívia, visto que “[...] objetiva reunir os dados relevantes sobre o objeto de estudo e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto [...]”, para que a partir deste estudo possa ir “[...] dissipando as dúvidas, esclarecendo

questões pertinentes e, sobretudo, instruindo ações posteriores [...]” (Chizzotti, 2014, p. 135).

Ainda, a pesquisa qualitativa agrega potencialidades para pesquisadores que “[...] pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem” (Chizzotti, 2006, p. 28).

De acordo com Chizzotti (2006, p.29):

Diferentes orientações filosóficas e tendências epistemológicas inscrevem-se como direção de pesquisa, sob o abrigo qualitativo, advogando os mais variados métodos de pesquisa, como entrevistas, observação participante, história de vida, testemunho, análise de discurso, estudo de caso e qualificam a pesquisa como pesquisa clínica, pesquisa participativa, etnografia, pesquisa participante, pesquisa-ação, teoria fundamentada (grounded theory), estudo culturais etc.

Deste modo, o estudo qualitativo baseia-se em estudos já realizados e, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2021, p. 36), também:

[...] se fundamenta primordialmente em si. O primeiro é utilizado para consolidar as crenças (formuladas de maneira lógica em uma teoria ou um esquema teórico) e estabelecer com exatidão padrões de comportamento em uma população; e o segundo, para construir crenças próprias sobre o fenômeno estudado, como no caso de um grupo de pessoas únicas.

De acordo com Godoy (1995, p. 58), o estudo qualitativo não tem como proposta enumerar ou medir os eventos estudados, nem possui a finalidade de empregar instrumentos estatísticos na análise dos dados coletados nesses estudos. Possui questões ou focos amplos que vão tomando forma conforme o estudo avança. Trata-se da coleta de dados referentes a descrições de pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador, a fim de compreender os fenômenos pesquisados.

A pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2007, p. 24), levando em consideração os fenômenos humanos estabelecidos socialmente, na tentativa de compreender e interpretar a realidade.

É um estudo de caso quando está centralizado no município de Corumbá-MS, região que faz fronteira com a Bolívia, visto que “[...] objetiva reunir os dados relevantes sobre o objeto de estudo e, desse modo, alcançar um conhecimento mais amplo sobre esse objeto [...]”, para que a partir deste estudo possa ir “[...] dissipando as dúvidas, esclarecendo questões pertinentes e, sobretudo, instruindo ações posteriores [...]” (Chizzotti, 2014, p. 135).

Percebe-se assim que o estudo de caso explora um caso singular, pertinente à vida cotidiana, relacionado a um determinado tempo e lugar, ressaltando informações e constituindo assim um caso singular ou único. Não se limita a um único caso, mas também pode abranger uma coleção de casos. Desse modo, o pesquisador, de acordo com Yin (2001, p. 32-33):

[...] enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado [...] baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, [...] beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados.

A escolha do método "estudo de caso" utilizada para o estudo proposto, que possui como um dos objetivos analisar a importância da contação de histórias em diferentes segmentos da sociedade, pode contribuir para mostrar o olhar do contador de histórias no processo de planejamento e escolha para a realização das sessões de contação de histórias. Analisar, coletar dados e investigar suas particularidades é uma das estratégias utilizadas e descritas no estudo de caso proposto.

Para a última etapa, este estudo se utilizará das ferramentas da análise de conteúdo, tendo em vista que possui coleta documental e de dados, a partir de um levantamento eletrônico com perguntas semiestruturadas, que possam abranger, além da caracterização dos sujeitos, também a forma de planejamento dos contadores de histórias para as sessões que são realizadas para o público infantil, com identificação fictícia, a fim de atingir o objetivo deste estudo.

A análise de conteúdo faz-se necessária, tendo em vista seu significado especial no campo das investigações sociais, além de ser, de acordo com Moraes (1999, p. 2), uma metodologia de pesquisa que pode ser utilizada para descrever e interpretar o conteúdo de toda sorte de comunicação, sejam elas qualitativas ou quantitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão que vai além da leitura comum.

A análise de conteúdo é uma dentre as diferentes formas de interpretar o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair os significados temáticos ou os significados lexicais, por meio dos elementos mais simples dos textos. Consiste em relacionar a frequência da citação de alguns temas, palavras ou ideias de um texto para medir o peso relativo atribuído a um determinado assunto pelo seu autor. (Chizzotti, 2014, p. 114).

Assim, a análise de conteúdo “[...] contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor [...]” (Chizzotti, 2014, p. 115), ou

seja, “[...] fragmentos mais simples, que revelem sutilezas contidas em um texto. Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas de uma mensagem [...]” (Chizzotti, 2014, p. 115).

Um texto pode não possuir um único significado, objetivo ou interpretação. Moraes (1999) defende que esses outros significados que um texto pode possuir podem ser de natureza psicológica, sociológica ou histórica. Por isso, sua análise vai além da leitura comum, visto que considera esses aspectos na comunicação.

Segundo Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100):

A análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa desempenha um importante papel nas investigações no campo das pesquisas sociais, já que analisa com profundidade a questão da subjetividade, ao reconhecer a não neutralidade entre pesquisador, objeto de pesquisa e contexto. O que não a descredencia no aspecto da validade e do rigor científicos, já que tem status de metodologia, com princípios e regras bastante sistemáticas.

Essa subjetividade presente na análise de conteúdo, principalmente em pesquisas qualitativas, está ligada diretamente à interpretação pessoal por parte do pesquisador em relação aos dados coletados referentes ao objeto de estudo. Não há possibilidade de uma análise neutra, objetiva e completa. Os valores presentes na linguagem cultural e seus significados exercem influência sobre os dados, da qual o pesquisador não pode se ausentar (Moraes, 1999, p. 3).

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser realizada a partir de qualquer material que venha da comunicação verbal ou não-verbal, como, por exemplo: materiais escritos, ou seja, jornais, agendas, cartas, panfletos, cartazes, textos etc.; materiais que advêm do oral, ou seja, entrevistas, discursos, gravações em mídias sociais, vídeos em plataformas digitais etc.; materiais icônicos, ou seja, sinais, grafemas, fotografias, dentre outros; e demais códigos semióticos, ou seja, aquilo que não é linguístico mas possui significado, como música, dança, gestos, posturas, arte, mitos, entre outros.

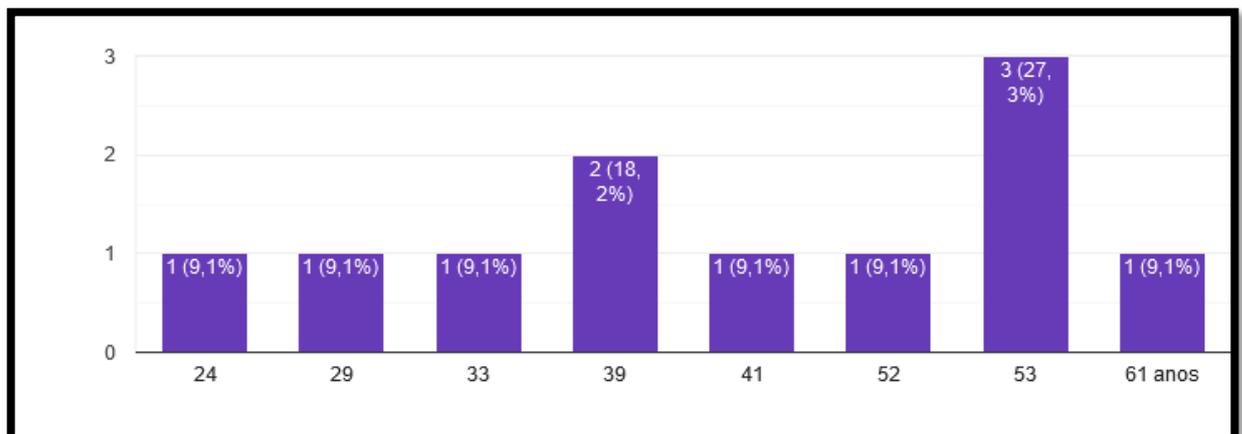
Dito isso, a necessidade de obter dados em estudos em que seria possível identificar informações relevantes ao nosso objetivo levou-nos à direção da análise de conteúdo e coleta de dados, através de formulário criado na interface do Google Drive – Google Apps Forms. O formulário, contendo perguntas semiestruturadas, traçou o perfil pessoal e profissional dos participantes, bem como perguntas subjetivas na tentativa de analisar o conteúdo sobre o objetivo deste estudo científico. O público-alvo deste formulário foram os profissionais que atuam com a contação de histórias, tendo como participantes de suas sessões crianças em ambiente não escolar.

O link do formulário eletrônico foi enviado para o e-mail pessoal ou WhatsApp dos participantes, contendo os seguintes questionamentos: (1) Idade; (2) Sexo; (3) Formação Acadêmica; (4) Tempo de atuação na atividade de contação de histórias; (5) Espaços de atuação; (6) Como aconteceu seu contato com a contação de histórias? (7) Como ocorrem suas escolhas das histórias para as sessões de contação de histórias? (8) Qual é o seu planejamento para as sessões de contação de histórias? (9) Idade do público frequente que participa das sessões de contação de histórias? (10) Como identifica que o objetivo da contação de histórias foi atingido em seu público? (11) Quais as contribuições da contação de histórias que você acredita que sejam importantes para o desenvolvimento das crianças?

Em seguida, após a coleta dos dados, as respostas foram analisadas e estruturadas para que, dessa forma, pudéssemos organizar os dados obtidos, agrupando elementos semelhantes em categorias, para facilitar a compreensão, a interpretação e a apresentação dos resultados na tentativa de nos aproximar do que está sendo exposto nos dados coletados e assim poder realizar a análise dos conteúdos contidos no formulário com base na teoria de Bardin (1977).

No total, participaram 11 contadores de histórias que atuam nos espaços não escolares do município de Corumbá-MS, como é possível observar no Gráfico 01. Vale ressaltar a relevância na coleta desses dados para a análise e desenvolvimento desta pesquisa científica.

Gráfico 1 - Idade dos participantes



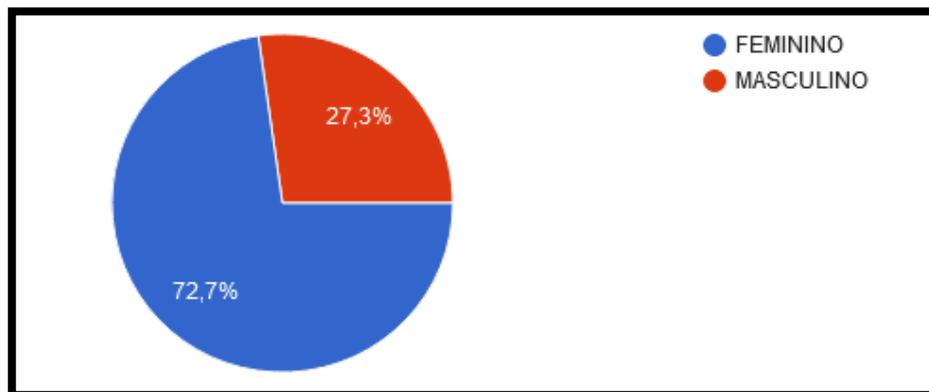
Fonte: Gráfico obtido pela autora a partir das informações presentes do Google Apps Forms (2023).

O presente formulário ficou disponível para obtenção de respostas dos contadores de histórias que atuam nos espaços não escolares de Corumbá-MS por um período de 15 dias. Afirmamos que um total de 11 (onze) contadores de histórias aceitaram participar da presente coleta de dados de forma voluntária. De acordo com os dados obtidos, a idade desses profissionais varia entre 24 e 61 anos, sendo 39 e 53 anos as idades que mais prevalecem.

Inferimos, portanto, que o quantitativo de contadores de histórias que se apresentam de maneira performática em espaços não escolares no município de Corumbá-MS é um pequeno grupo diante dos demais profissionais que atuam nesses ambientes, como professores, psicólogos, dentre outros. Porém, pelas informações fornecidas de maneira voluntária, contribuíram de maneira satisfatória para uma análise mais precisa no que diz respeito ao objeto deste estudo.

Com relação aos dados referentes ao sexo desses profissionais, podemos afirmar que o maior quantitativo de participantes da coleta de dados dos contadores de histórias é do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Tendo em vista que 72,7% são do sexo feminino e 27,3% do sexo masculino, ou seja, 8 mulheres e 3 homens, conforme o Gráfico 02 apresentado.

Gráfico 2 – Sexo dos profissionais

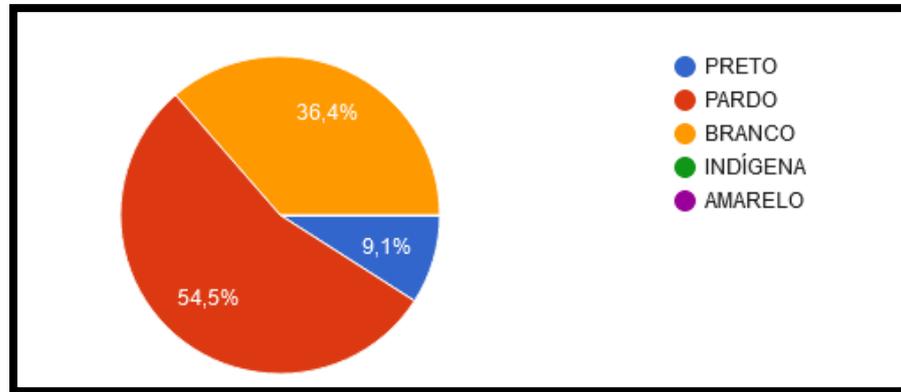


Fonte: Gráfico obtido pela autora a partir das informações presentes do Google Apps Forms (2023).

No que diz respeito a como esses profissionais se identificam, no Gráfico 03 podemos afirmar que, dentre os participantes, não houve nenhum que se declarou indígena ou amarelo. O maior quantitativo foi de profissionais que se autodeclaram pardos, com 54,5%; 36,4% se autodeclaram brancos; e apenas 9,1% se autodeclaram preto, ou

seja, 6 profissionais se declaram pardos, 4 se declaram brancos e apenas um se declara preto.

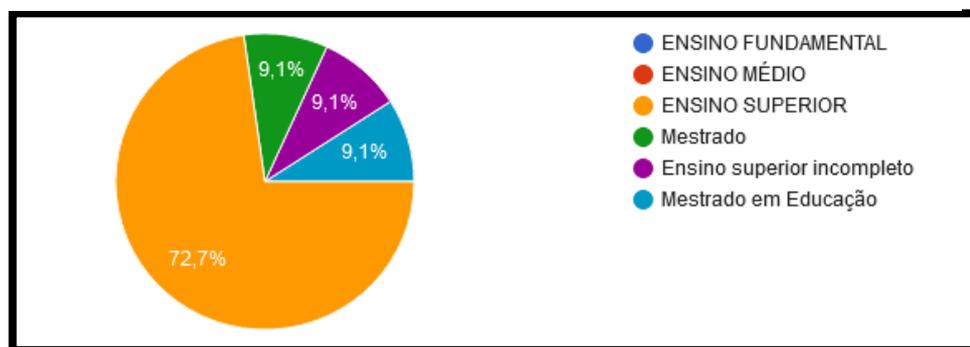
Gráfico 3 – Como você se identifica?



Fonte: Gráfico obtido pela autora a partir das informações presentes do Google Apps Forms (2023).

Com relação aos dados sobre a formação acadêmica dos participantes, no Gráfico 04, é possível observar que 72,7% dos participantes possuem Ensino Superior, ou seja, 8 participantes. Na pesquisa, temos o equivalente a 9,1%, o que se refere a apenas um participante, que possui Mestrado em Educação, um com mestrado em outra área de conhecimento, e um que possui Ensino Superior Incompleto, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 4 – Formação Acadêmica



Fonte: Gráfico obtido pela autora a partir das informações presentes do Google Apps Forms (2023).

No Quadro 1, é apresentado o tempo de atuação dos profissionais que trabalham com a contação de histórias. Nele, é possível observar que existe uma variação no tempo de atuação entre os profissionais, que vai de 1 ano e meio a 35 anos. Podemos inferir que todos ainda atuam nessa área, como podemos observar no gráfico abaixo:

Quadro 1 – Tempo de atuação

Participantes	Respostas obtidos
CH1	7 Anos
CH2	10 Anos
CH3	4 Anos
CH4	1 Ano e meio
CH5	11 Anos
CH6	35 Anos
CH7	20 Anos
CH8	2 Anos
CH9	3 Anos
CH10	Durante atuação do magistério (sem data específica).
CH11	10 anos

Fonte: Quadro obtido pela autora a partir das informações presentes no Google Apps Forms (2024).

Para a compreensão dos espaços em que esses profissionais atuam como contadores de histórias, fez-se necessária, no questionário, a questão "Espaços de atuação", tendo em vista que o ambiente de estudo desta pesquisa são os espaços não escolares. No Quadro 2, a partir das respostas dos participantes, podemos observar que, em sua maioria, atuam tanto em espaços escolares quanto não escolares. Esses espaços variam entre bibliotecas, projetos sociais, eventos públicos e privados, além de hospitais, o que nos faz refletir sobre a importância da contação de histórias em diversos segmentos da sociedade.

Quadro 2 – Espaços de atuação

Participantes	Respostas obtidas
CH1	Projetos Sociais e Escolas
CH2	Escolar e não escolar
CH3	Escolar e Extra Escolar
CH4	Bibliotecas e espaços não escolares.
CH5	Biblioteca do SESI e Povo das Águas no Pantanal, atendendo ribeirinhos no Programa Social Povo das Águas.
CH6	Eventos públicos, privados, escolas públicas, particulares, hospitais, asilo, bibliotecas, livrarias, instituições de órgãos municipais públicos e privados, além de comunidades.
CH7	Espaços de Educação formal e não formal e formação de professores.

CH8	SESC Corumbá e espaços não formais.
CH9	Espaços Públicos de Corumbá-MS.
CH10	Escolas das Redes de Ensino de Corumbá-MS.
CH11	Escolas Instituições e outros.

Fonte: Gráfico obtido pela autora a partir das informações presentes do Google Apps Forms (2024).

Os dados levantados e apresentados acima contribuíram para a identificação dos sujeitos da pesquisa, proporcionando uma análise mais fidedigna, organizada e estruturada, onde apresentamos dados referentes à idade, formação acadêmica e tempo de atuação.

Cientes da importância de uma pesquisa na área da educação social em espaços não escolares, realizamos uma busca em três bases de dados para localizar estudos aprofundados, no que diz respeito à publicação de produções científicas (artigos, teses e dissertações). A pesquisa foi conduzida nos sites da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Google Acadêmico.

Vale ressaltar que, como estratégia para buscar produções científicas sobre esta temática, realizamos o cruzamento dos seguintes grupos de descritores na investigação no site da BDTD: “Contaçon de Histórias” e “Espaços não escolares”, “Contaçon de Histórias” e “Desenvolvimento de crianças”, “Espaços não formais”, diversificando e/ou cruzando na busca avançada para obter estudos. Adotamos o critério de filtrar o período dos estudos, selecionando apenas pesquisas dos anos de 2018 a 2021 realizadas no Brasil, para verificar a potencialidade e importância da contaçon de histórias nesses espaços.

A escolha desses descritores teve a intenção de aproximar a temática da abordagem de pesquisa, contribuindo para os estudos na área da educação social em espaços não escolares. A primeira busca, como já citada, foi realizada no site da BDTD em dezembro de 2021, e encontramos apenas uma dissertação que contribuía para este estudo.

Em nova pesquisa realizada em abril de 2022, também na BDTD, com o filtro de pesquisa dos anos de 2018 a 2022 e com os descritores “Contaçon de histórias” e “Educação não formal”, encontramos duas pesquisas com a temática que contribuem para este estudo: uma já identificada em dezembro de 2021 e outra dissertação com data de defesa de 2019. Essa segunda pesquisa foi encontrada em junho de 2022,

com os mesmos descritores e filtro de ano, no Portal de Periódicos da Capes. Além desta, não foram encontradas outras pesquisas.

Diante da escassez de estudos com essa temática, foi necessário realizar um novo levantamento em agosto de 2022, no Google Acadêmico, com os filtros de ano de 2018 a 2022 e os descritores: “Contação de histórias, desenvolvimento, aprendizagem em espaços não escolares” e “Contação de histórias em espaços não escolares”, resultando em um total de 15.800 resultados. Dada a quantidade de teses e dissertações filtradas, realizamos uma análise minuciosa de cada um dos resultados para selecionar aqueles que dialogassem diretamente com este estudo.

Dessa forma, identificamos 19 estudos. O primeiro critério para a escolha dos mesmos foi a realização em ambientes não escolares que utilizam a contação de histórias como ferramenta de estudo. O segundo critério utilizado foi a escolha de estudos que tinham como público-alvo crianças participantes das sessões de contação de histórias nesses espaços. No entanto, nos deparamos com dois estudos que dialogavam com o objetivo específico do estudo proposto de preparação e planejamento do contador de histórias, mas que foram realizados em ambiente escolar. Devido à sua contribuição aos estudos, achamos interessante integrá-los.

2.1 OS ESTUDOS E SUAS VARIÁVEIS FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO – O ESTADO DA ARTE

Os estudos referentes à temática encontrados foram: “Pedagogia hospitalar: intervenções na unidade pediátrica a partir da contação de histórias” - Maria Fátima Belancieri, Kátia Regiane Rodrigues, Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (2018). Podemos perceber que este estudo buscou estruturar e avaliar o desenvolvimento de uma proposta de intervenção a partir da contação de histórias para pacientes pediátricos hospitalizados. O estudo foi realizado na brinquedoteca de um hospital no interior paulista, após dez encontros, com duração de 40 a 60 minutos, utilizando-se de diversos recursos lúdicos e histórias infantis. O público-alvo deste estudo foram crianças de ambos os sexos com idades de 1 a 13 anos.

A pesquisa das autoras Acreciana de Souza Melo, Adelaide Alves Dias, Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Raimunda Queiroz Rêgo (2020), intitulada “A contação de histórias e seus contributos para a interação e desenvolvimento linguístico da criança”, publicada pela revista Olhares - Revista do Departamento de Educação - UNIFESP,

em 2020, tem como objetivo compreender como a contação de histórias viabiliza interações e o desenvolvimento linguístico das crianças, evidenciando sua importância nas práticas escolares. É um estudo que foi realizado em espaço escolar, porém dialoga com o estudo aqui proposto.

Publicado no VII Seminário Nacional e III Seminário Internacional de Políticas Públicas e Práxis Educacional, o artigo “A contação de histórias de modo intensificado auxiliando no desenvolvimento integral da criança” - Crislaine Vicente da Silva, Gleiciane Batista da Silva, Gisele Ferreira Amorim e Susane Martins de Castro (2019), buscou analisar a importância da contação de histórias de modo intensificado, de forma a perceber como essa prática auxilia no desenvolvimento integral da criança. Este estudo foi realizado em espaço escolar da cidade de Serra do Ramalho-BA.

O Trabalho de Conclusão de Curso de Olide Salette Cappelleso Bigollin, para o curso de Psicologia, intitulado “Como a contação de histórias pode promover processo de desenvolvimento e aprendizagem na criança hospitalizada”, de 2010, tem como objetivo geral investigar o contexto da contação de histórias no desenvolvimento de processos psicológicos superiores da criança hospitalizada. A pesquisa foi desenvolvida no Hospital Regional da Asa Sul em Brasília-HRAS.

O estudo “Nas páginas dos jornais 'Correio Braziliense': os espaços de contação de histórias (DF/2019)” desenvolvido por Luana Tiussi de Mendonça (2019), também utilizou a contação de histórias como objeto de estudo. Com o objetivo de investigar por que as professoras de escolas privadas recorriam à literatura infantil de forma oral e com o objeto livro, realizou uma pesquisa com as professoras das instituições privadas e buscou elencar os locais em que as contações de histórias eram realizadas com frequência no Distrito Federal, como, por exemplo, Pátio Brasil Shopping, Boulevard Shopping, Terraço Shopping, entre outros.

Outro estudo relevante foi publicado na UNIVATES em 2010, por Luana Iansen Gonçalves, intitulado “Contação de histórias: uma alternativa para o letramento literário”. Tem como objetivo desenvolver o gosto e o interesse pela leitura, além de incentivar a leitura de diversos gêneros textuais e promover a interação social das crianças que participam do projeto “O incentivo à leitura através de oficinas literárias: Royale/2010”, realizado na Escola de Dança e Integração Social Royale, localizada em Santa Maria-RS.

Selecionamos também o estudo “A contação de histórias e o desenvolvimento da leitura e da oralidade da criança” - Ana Karoline Fernandes de Oliveira Ferreira

(2021), que teve por objetivo geral descrever as ações pedagógicas realizadas junto às crianças, a partir da utilização da literatura e contação de histórias que possibilitam o desenvolvimento da leitura e da oralidade, durante as mediações da leitura literária. Este estudo foi realizado através da parceria da escola com o CRAS de Lagoa de Dentro-PB, tendo em vista que a realização do mesmo não era possível em ambiente escolar devido à pandemia. As leituras e contações de histórias eram realizadas nas residências das crianças.

“Contação de história em Unidade Oncológica Pediátrica” - Sabrina de Jesus Oliveira Neves, publicado na Revista Brasileira de Cancerologia em 2018, teve como objetivo identificar os benefícios da contação de histórias no cuidado a crianças oncológicas. Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, no qual os artigos utilizados abrangiam o período de 2003 a 2018, nas línguas portuguesa e inglesa, nas bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LiLacs), Bases de Dados da Enfermagem (Bdenf), Medline, SciELO e Centro Nacional de Informação de Ciências Médicas de Cuba (Cumed).

O estudo “Leitura na biblioteca pública: a contação de história como instrumento da ação cultural na formação de leitores” - Francinete Benigna da Silva (2019), teve por objetivo identificar como se dá a contação de histórias nas bibliotecas públicas de Aracaju. Foram traçados os seguintes objetivos específicos nesse estudo: constatar a existência da atividade de contação de histórias nas bibliotecas públicas; analisar como a atividade de contação de histórias é planejada e organizada no âmbito das bibliotecas públicas; observar como a contação de histórias está vinculada à formação de leitores; verificar a preparação do bibliotecário como contador de histórias.

“A contação de história no processo de estímulo à leitura e aprendizagem, como recurso na arteterapia” – Janny Linhares Fortes (2010), tem como objetivo central estimular jovens e crianças de uma comunidade de Ilhéus, situada em Vila Dois Rios, Ilha Grande, município de Angra dos Reis-RJ, ao prazer da leitura, em um espaço lúdico destinado à contação de histórias, atividades pedagógicas, jogos e empréstimo de livros infantis e juvenis, que contribuam para a melhoria do processo educacional da comunidade, ajudando a formar cidadãos criativos e críticos.

O estudo “A formação do leitor através da contação de história: um estudo de caso no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS Santa Maria” - Marília Joseane Silva (2018), teve por objetivo identificar e analisar como a contação de

histórias pode influenciar no desenvolvimento de crianças e adolescentes, em especial as participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), que atende a comunidade do bairro Santa Maria, localizado na cidade de Aracaju/SE.

O estudo “Histórias que brincam e encantam: o contador de história na formação docente” e “A arte de contar histórias: perspectivas teóricas e práticas” – Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame (2018), tem por objetivo relatar a experiência de atuação de acadêmicos de um curso de pedagogia na confecção de materiais e nos processos de contação de histórias na Biblioteca Municipal Professor Egydio Martello, na cidade de Campo Mourão, no Paraná.

O estudo realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso das graduandas Itaeme Duarte Costa, Hudson Harison Holanda Medeiros, Isac Torres Nascimento e Fernanda Alves Silva (2013), intitulado “A responsabilidade da promoção da literatura infantil: experiências vivenciadas no projeto de extensão 'Era uma vez'”, teve como objetivo analisar e relatar a responsabilidade de promover a literatura infantil, os seus desafios de estímulo à leitura, bem como mostrar alguns relatos de experiências vividas na atuação de um programa de leitura que atende crianças do ensino infantil e anos iniciais, além da capacitação de professores de ambas as turmas.

“Entre vozes e silêncio, a arte de contar histórias em um projeto de extensão da UFMS: Brinquedoteca Aberta” – Maria Eduarda Cardoso Sampaio Silva, Bárbara Rodrigues Adnolfi e Milene Bartolomei Silva (2018), tem por objetivo compreender a relevância da contação de histórias para o processo de aprendizagens das crianças inseridas no projeto Brinquedoteca Aberta, levando diversão, arte e, conseqüentemente, cultura, através da leitura e contação de histórias.

“Contar histórias e transformar vidas: entre o drama da Covid-19 e a costura de informação, literatura e oralidade na Grande Vitória-ES, Brasil” – Marcelo Calderi Miguel, Sandra Maria Souza de Carvalho e Rogério Zanon da Silveira (2022), tem por objetivo compreender a atuação dos contadores de histórias profissionais da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e analisar a adaptação desses profissionais diante dos impactos positivos e negativos causados pela pandemia da Covid-19.

“A contação de histórias como prática humanizadora da assistência durante a hospitalização infantil: revisão integrativa” - Natani Pereira de Alencar (2019), tem por objetivo compreender a atuação dos contadores de histórias profissionais da Região

Metropolitana da Grande Vitória (RMGV) e analisar a adaptação dos integrantes diante das transformações impostas pelo período de pandemia da Covid-19.

“Contadores de histórias - Um relato de criação de espaços a partir dos encontros com os Tikunas no Parque das Tribos” – Vanessa Benites Bordin (2020), tem por objetivo realizar reflexões acerca da pesquisa realizada no campo das práticas pedagógicas e experiências poéticas vividas junto aos indígenas da etnia Tikuna, em que os encontros foram realizados na comunidade indígena Parque das Tribos, localizada no perímetro urbano da cidade de Manaus, Amazonas.

“Espaços para contar: narradores e performances na cidade de Belo Horizonte” – Oara Saldanha Gonçalves (2019), é um estudo com o objetivo de compreender a contação de histórias na contemporaneidade e como ela está relacionada à formação de leitores, mesmo em espaços não escolares. Foi realizada uma pesquisa semiestruturada com quatro contadores de histórias de espaços públicos de Belo Horizonte.

O último estudo relevante encontrado foi “Ler, gostosuras e bobices...” - Adriana Aparecida Ribas Morais, Alice Pisoni, Liliane Kingéski Dias e Tatiane da Silva Rosa Cardoso (2015), que teve a finalidade de promover a leitura. Este estudo foi realizado a partir do estágio supervisionado em espaço não escolar, com atividades de contação de histórias no Quiosque da Praça do Bairro Primavera, no município de Osório/RS, envolvendo cerca de quinze crianças entre quatro e doze anos.

Tendo em vista que há estudos brasileiros utilizando o descritor “Contação de história”, mas, em sua maioria, em espaços escolares, surge a necessidade de pesquisar a temática principalmente no âmbito não escolar. É cada vez mais perceptível a presença desta prática, não só em espaços públicos como praças, parques, museus, bibliotecas, festivais, hospitais, mas também em espaços privados como livrarias, cafés, feiras de livros, centros culturais, entre outros. Almeja-se, a partir desse estudo, ampliar a contribuição para novos estudos e para aqueles que utilizam a contação de histórias, em espaços escolares e não escolares, a fim de colaborar para a continuidade dessa prática.

3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM BREVE HISTÓRICO

A contação de histórias é uma arte milenar passada de geração em geração. Buscando registros nesses momentos históricos da humanidade, podemos descrever um dos livros mais antigos, que é a Bíblia, a qual possui em suas escrituras diversas parábolas que eram contadas na Idade Média, com a finalidade de ensinar a ética e a moral naquele contexto histórico (Sisto, 2005).

Podemos inferir que, desde sempre, o homem contou suas histórias, seja por meio de pinturas rupestres ou através de um simples diálogo, sempre dando voz às angústias, dúvidas, alegrias e prazeres de sua existência, transmitindo de forma oral as memórias herdadas dos ancestrais (Fleck, 2007).

Possuímos relatos na história e em nossas memórias de que, em tempos antigos, as pessoas se reuniam ao redor das fogueiras para escutar os mais velhos narrarem suas histórias de amor, aventura, folclore, lendas e mitos, transmitindo seus ensinamentos às gerações que estavam surgindo. A contação de histórias sempre desempenhou um papel importante na transmissão de conhecimento, como, por exemplo, na própria Idade Média, em que os contadores eram sempre muito queridos e respeitados em todas as regiões pelo prazer que suas narrações proporcionavam ao ouvinte.

Um desses contadores presentes na Idade Média eram os "bardos" ou "trovadores", que possuíam um papel estratégico de suma importância, tendo em vista que desempenhavam o papel de manter vivo o espírito da batalha, ressaltando as vitórias do seu povo e destacando a derrota dos inimigos (Silva, 2020).

O movimento dos "bardos" ou "trovadores" surgiu no século XII, na região da Provença, na França. Eles eram homens ou mulheres letrados que possuíam o conhecimento das músicas líricas e instrumentos, como flauta, violino, tambores, entre outros. No período medieval, eram responsáveis por transmitir oralmente histórias, mitos, lendas, poemas e canções, além de transformar as histórias mais relevantes de seu povo em músicas e poemas para serem recitados (Araújo, 2015).

Nesse período, nem todos possuíam escolaridade; desse modo, as tradições eram transmitidas a todos pelas narrações orais dos bardos/trovadores. Além deles, a Idade Média ficou marcada pela presença do Jogral, que era a figura presente em todas as ocasiões e lugares da cidade. Era um personagem que estava no "[...] castelo à cidade, da rota de peregrinação ao monastério, da fachada das igrejas aos banhos

públicos, ele é o animador por excelência, o mestre do divertimento. Esse dom de ubiquidade favorece a priori seu papel de intermediário cultural" (Clouzot, 2005, p. 63-98).

Ou seja, sua função estava ligada à alegria e diversão; cantavam, dançavam, declamavam, porém possuíam uma fragilidade, que era a transmissão de costumes religiosos presentes nesse período. Além dessas duas figuras, nesse período temos também o Segrel, que, assim como a figura do Jogral, podia não ser alfabetizado, tendo em vista que escutavam as narrações dos superiores e as transmitiam oralmente entre sua comunidade ou cidades vizinhas (Mello, 2013, p. 27).

Podemos destacar ainda os anciões da África, conhecidos como "Griôs/Griots", respeitados pelo seu povo como mestres do saber e cultura, passando seus conhecimentos oralmente às gerações.

[...] o griot é treinado na arte da palavra desde a infância e entre eles existem os que exercem o ofício de historiadores, genealogistas, contadores de histórias, poetas, músicos que cantam e tocam o tanta e o kora e os caçadores (Santos, 2010 p. 02).

Os Griots eram preparados desde a infância pelos seus pais, tendo em vista que os conhecimentos e a religião eram responsabilidades da família. Ou seja, em um primeiro momento, os ensinamentos eram transmitidos pela mãe, depois pelo pai, e, em seguida, pela comunidade. Assim, quando chegavam à idade de quarenta e dois anos, podiam expressar sua opinião e, aos sessenta e três, podiam transmitir seus conhecimentos (Santos, 2010).

[...] o griot tem um comportamento diferenciado na sociedade, pois o seu dever de guardar e transmitir a história de seus reis e de seu povo lhe atribui a missão de mantê-las vivas na memória e no coração do outro. Ao contar suas histórias resgata algo que com o passar do tempo pode vir a adormecer o legado dos antepassados, portanto, suas histórias não podem ficar guardadas e esquecidas, devem permanecer na ponta da língua e no coração daqueles que possuem a arte da palavra (Santos, 2010, p. 03).

No Brasil, antes mesmo da colonização, os indígenas já realizavam contações de histórias, e a figura que era a transmissora de todo saber da terra, dos costumes e crenças era o Pajé. Assim como os "Griots", que trouxeram suas tradições e costumes para nosso país nesse período tão sombrio, tendo em vista que eram torturados e escravizados, as aldeias possuíam uma figura anciã (Silva, 2020).

Para os indígenas, a "tradição é metodologia usada como forma de manter o padrão educativo" (Munduruku, 2017, p. 17), é o que mantém vivas em suas raízes todas as experiências dos seus ancestrais e aquilo que desejam para os seus

sucessores. Dessa forma, essa tradição da oralidade presente nos povos indígenas é a maneira encontrada para manter sua cultura viva, mostrando aos que chegam depois quem são e onde estão diante da visão social de sua etnia e do mundo.

De qualquer forma, ninguém se lembra de ter visto algum índio ou algum negro lendo histórias para o seu público! E eles contavam histórias; não liam histórias. Portanto, o contador de histórias é aquele que conta histórias!!! Confusão comum é pensar que o contador de histórias é aquele que lê uma história diante da plateia (Sisto, 2005, p. 56).

Atualmente, a contação de histórias está mais vinculada à infância, embora existam diversos contadores de histórias que atuam com o público adolescente e adulto. Contudo, essa associação entre criança e contação de histórias, para alguns estudiosos, surgiu a partir das transformações sociais e da nova concepção de criança no século XVIII, quando a criança deixou de ser considerada um "mini adulto" e passou a ser reconhecida como sujeito em desenvolvimento.

As crianças, até então, viviam em condições precárias, além de receberem tratamento diferenciado tanto para os meninos quanto para as meninas. Na maioria das vezes, esse tratamento era dado por pessoas sem nenhum preparo, como cuidadoras dos locais onde eram abandonadas, amas de leite ou as próprias mães, que as viam como produtos ou animais que demandavam tempo e esforço (Caldeira, 2010).

Não só a arte da oralidade, mas todas as formas de arte eram destinadas aos adultos. A infância não era considerada, pois, nesse período, as crianças eram vistas apenas como papel em branco, prontas para receber dos adultos o necessário para desenvolver o caráter e a razão. A partir da criação da escola, tida como forma de controle, o papel de ensinar, que antes era responsabilidade dos pais e responsáveis, passa a ser dessa "instituição de aprendizagem", e a família fica apenas com a responsabilidade do bem-estar dessas crianças (Barbosa, 2012, p. 02).

O posicionamento crítico diante de sua essência, tão divergente e contraditória através dos tempos – mesmo quando a situação de “ser criança” era uma incógnita–, coloca-nos diante de uma encruzilhada cheia de ramificações (Dinorah, 1996,25).

Neste período histórico, surge a literatura infantil, primeiramente na França e, em seguida, na Inglaterra. Como o próprio nome diz, a recém-nascida literatura era voltada para as crianças, que até então deveriam estar a par da vida social e cultural adulta. Contudo, as histórias presentes na literatura infantil, que foram levadas primeiramente pelo francês Charles Perrault, eram contos populares narrados pelas comunidades menos abastadas da França. As crianças filhas dos nobres possuíam

um mentor para administrar as leituras dos clássicos que foram surgindo, enquanto as crianças mais pobres tinham acesso às narrativas de contos de cavalaria e aventuras que seus avós e pais viviam (Silva, 2009, p. 137).

Sendo assim, Perrault deu início ao seu trabalho de adaptação, a partir do registro de contos e lendas populares, que também chegavam à sua família "através de contadores, que, na época, integravam-se à vida doméstica como servos" (Cademartori, 1986, p. 36). Ele adaptava suas obras com a ótica de princípios normativos, muitas vezes voltados para a cristianização e a valorização do pudor, além de depreciar o popular e as superstições. Desta forma, seus contos sempre se encerram com alguma moral.

Além dele, os irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm também coletavam narrativas transmitidas oralmente por familiares em serões e as transformavam em literatura infantil. A primeira obra dos irmãos foi publicada em 1812 com 86 contos; em sua segunda coletânea, os irmãos coletaram cerca de 70 contos. Eles percorriam a Alemanha para coletar contos que eram transmitidos oralmente (Rodrigues, 2013, p. 04). O ponto interessante em destacar esses renomados nomes da literatura infantil é a coleta de contos populares, mitos e lendas através da narração oral, o que sustenta a afirmação de que a arte de contar histórias é milenar e passada de geração em geração.

No Brasil, a literatura surge no século XIX, devido ao grande aumento da população. Aqueles que antes eram apenas comerciantes e administradores passaram a ser trabalhadores das lavouras e funcionários de compra e venda. Consequentemente, os filhos desses trabalhadores cresceram em quantidade e, devido a isso, houve uma união entre a literatura e a educação através da implementação da Imprensa Régia, em 1808, com a chegada de D. João VI ao país. A Imprensa Régia publicava adaptações de produções portuguesas e obras pedagógicas. Podemos dizer que foi a partir "dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da Literatura Infantil" (Lajolo, Zilberman, 1987, p. 25).

Segundo Abreu (2005, p. 13):

Diversos autores representaram, nesse período, a Literatura Infantil brasileira. Entre eles, destacam-se: Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusóé), Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha), Coelho Neto e Olavo Bilac (Contos Pátrios), Tales de Andrade (Saudade), José Saturnino de Costa Pereira (Leitura para meninos) e Laemmert (Aventuras do Barão de Münchhausen).

Tendo em vista que a literatura a que as crianças desse período tinham acesso possuía origem europeia, o primeiro registro escrito de literatura infantil brasileira se dá pelas mãos de Monteiro Lobato, que terá seu legado aprofundado no decorrer deste estudo. Suas obras traziam características com as quais as crianças poderiam se identificar, além de conter as lendas do nosso folclore presentes na narrativa popular. Após Monteiro Lobato, a produção de literatura infantil ficou contida devido à grande taxa de analfabetismo no país (Rodrigues, 2013).

Dessa forma, inferimos que os contos populares eram frequentes entre as famílias, visto que era um período em que muitos pais não eram alfabetizados. O país passava por um subdesenvolvimento, a classe média estava aumentando e, com isso, os preços de tudo que era consumido também, inclusive dos livros (Rodrigues, 2013).

Contudo, alguns contadores de histórias se destacaram ao longo desse período, como, por exemplo, Câmara Cascudo (1898-1986), amante da narrativa tradicional, historiador, antropólogo e jornalista, e Ariano Suassuna (1927-2014), escritor, poeta e dramaturgo. Dessa forma, diversos contadores foram surgindo em todos os estados brasileiros e tendo destaque nos eventos destinados à literatura.

Luiz da Câmara Cascudo foi considerado um dos maiores folcloristas do país. Gostava de contar sobre o cotidiano. Em depoimento a uma revista na Semana de Arte Moderna de 1922, Cascudo narrou o que seriam os estímulos para sua narração e escrita, dizendo que as coisas que escrevia não possuíam graça para ele, tendo em vista que demandavam muito conhecimento e falas sofisticadas. Por isso, o que era trivial o encantava. Dessa forma, começou a fazer rodapé (andar madrugada afora) e a se interessar cada vez mais por aquilo que vinha da rua. Pegava seu cavalo e ia acompanhar as rondas policiais e, com isso, começou a contar e escrever o que via, como histórias de bêbados, prostitutas, brigas e trapanças. O que era um escândalo, pois ele era de uma família nobre; muitos diziam que ele tinha ido à cultura popular por erudição, mas ele sempre rebatia dizendo que foi a própria cultura popular que o levou (Faerman, 2006).

Era, de fato, um apaixonado pela cultura oral e histórias do Brasil. Seu interesse pela cultura popular aconteceu por volta de 1920, através do seu contato com os cordéis que eram vendidos nas feiras nordestinas, contendo histórias fantásticas, lendas e mitos. Sua primeira obra folclorista foi publicada em 1939, intitulada

“Vaqueiros e contadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará” (Rodrigues, 2016).

Na década de 1940, Cascudo publicou mais três obras importantes: Antologia do folclore brasileiro (1943), Geografia dos mitos brasileiros (1947) e Os holandeses no Rio Grande do Norte (1949). Na década de 1950, seu trabalho mais lido e comentado veio a público, o famoso Dicionário do folclore Brasileiro (1951). Na sequência, Câmara Cascudo, publicou inúmeras outras obras, que tratavam outros temas como sociologia e antropologia (Rodrigues, 2016, p. 10).

Sendo assim, Câmara Cascudo buscava as origens brasileiras no meio do povo, naquilo que via e ouvia. Procurava estar entre os mais humildes, entre os que viviam no campo, entre os idosos e analfabetos, visto que somente dessa forma ele conseguia aprender sobre os mistérios e assombrações que faziam parte do dia a dia da camada popular. Ele possui grande importância para a literatura, além de contribuir para a arte da narração oral através dos seus contos, tendo em vista que seu gênero narrativo mexe com o imaginário e desperta curiosidade através do que é mítico (Rodrigues, 2016, p. 11).

Ariano Suassuna também era outro escritor apaixonado pela cultura popular nordestina e utilizava a oralidade para coletar e recontar os contos através de cordéis. Suas falas em relação às suas criações eram de que ele não criava nada, mas sim o povo, e que tudo que o povo fazia virava histórias. Ele se inspirava também nos folhetos de cordel que eram vendidos em sua região, como podemos perceber em suas obras: “Uma mulher vestida de sol” (1947) e “O auto da compadecida” (1955) (Fajer, 2021, p. 14).

A sabedoria adquirida a partir do que é popular nos deu dois pioneiros para a contação de histórias. Ambos contavam histórias de forma natural, encontrando espaços em um diálogo aqui ou ali para contar algum “causo” que viveram ou ouviram falar. Ambos coletaram aquilo que sempre esteve no meio da humanidade, que são as histórias e memórias. Deixaram um grande legado não só para a literatura, mas também para a humanidade, mesmo não estando em cena. E como o saudoso Suassuna dizia:

Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável; aquilo que é a marca do nosso estranho destino na terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo que é vivo morre (Suassuna, 1975, p. 133).

A contação de histórias contribuiu para o imaginário da humanidade ao longo dos tempos, mesmo antes da criação da escrita ou do papel, tendo em vista que as

parábolas, mitos e lendas já faziam parte do contexto, com o intuito de despertar medo, coragem, amor, cuidado e até mesmo para destilar o ódio entre as tribos ou povos.

As histórias narradas oralmente proporcionam às crianças uma visão epocal (ainda que de uma forma esboçada), seja do seu tempo, seja de outros tempos. O recorte oferecido pela história delinea sempre uma época, um 20 conjunto de costumes, comportamentos, vivências, códigos de ações, uma ética, que acabam fazendo do texto esse complexo histórico. E se as histórias forem ainda contos populares, há a possibilidade de revelarem uma sabedoria ancestral e a tradição dos povos, com temáticas de caráter universal e neste caso, apagando (borrando ou tornando elástica) a linha do tempo, pela potencialização de questões que são de ontem e hoje, de todo e qualquer tempo (Sisto, 2006, p. 2).

Atualmente, a contação de histórias ganhou novos seguidores, partindo de uma prática do cotidiano e conquistando um espaço profissional. Muitos contadores de histórias estão em espaços escolares e não escolares, lugares que antes eram ocupados apenas por músicos, atores, atrizes e professores.

Hoje, os contadores/narradores são vistos pelas comunidades como artistas. No entanto, vale ressaltar que, em muitos editais públicos lançados atualmente, eles são esquecidos ou agrupados em outros eixos culturais, como, por exemplo, os eixos que abrangem o teatro e a mídia visual, sem a visibilidade da existência de um eixo específico para contadores/narradores de histórias.

Contudo, os contadores de histórias seguem espalhando suas narrativas e aumentando o número de seguidores dessa arte, considerando a quantidade de narradores presentes em plataformas online de mídia social, como YouTube, Instagram e Facebook, não só brasileiros, mas também de outros países.

Segundo, muitos narradores defendem que o local próprio em que se pretende contar uma história deva ser um ambiente tranquilo, bem iluminado, aconchegante, silencioso e longe de qualquer atividade que vá de encontro a esses elementos, [...] mas, nem sempre isso é possível. E aí não importa que seja numa creche, num hospital, num orfanato ou na biblioteca, na universidade, na escola, no museu, no teatro ou no asilo, numa rua ou praça, em família ou em roda de amigos (Aguiar, 2013, p. 93).

Os contadores de histórias são como os nômades ou ciganos, não se prendem a um único lugar para espalhar aquilo em que acreditam. Muitos estão presentes em praças, regiões ribeirinhas, sob uma árvore, dentro de um barco, em asilos, hospitais e tantos outros espaços. O que importa é o olho no olho, o que se está deixando para as gerações futuras.

Por isso, talvez a arte de contar histórias esteja renascendo por toda parte. Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas: partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetórias de personagens exemplares,

ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao fim da história em outros seres, diferentes e melhores do que quando o conto começa (Machado, 2015, p. 34).

E assim como o espaço não determina o objetivo que se quer atingir, os contadores de histórias acreditam que as práticas de narrações orais não precisam ser realizadas necessariamente por eles. O primeiro contato das crianças com o mundo da literatura e da narração oral pode vir através dos pais, irmãos, avós, amigos ou vizinhos. Quando o imaginário dessas crianças é estimulado em seu seio familiar, a possibilidade de elas se tornarem contadoras de histórias, leitoras, ouvintes ou apreciadoras da palavra é muito maior do que daquelas que não possuem acesso ou que tiveram experiências negativas com a leitura ou a contação de histórias. Inferimos que exista a prática, dentro de algumas instituições, de usar a leitura como uma maneira de punir ou educar a criança, algo que não pode ocorrer.

Os pais, menos atentos e mais culpados pela falta de atenção, transferem à atividade de leitura de seus filhos, a função de ensinamento dos valores perenes do mundo, quase sempre de forma maniqueísta, dogmática e incontestável [...], alguns livros fazem isso de forma declarada; outros de forma subliminar! (Sisto, 2005, p. 81).

A contação de histórias ou a leitura de um livro realizada no ambiente familiar, pelos pais, tende a ser importante para a criação de vínculo entre pais e filhos, além de ser de suma importância para o desenvolvimento motor, afetivo e psíquico dessas crianças. As histórias narradas pelos pais podem despertar na criança o interesse em praticar o bem, cuidar do seu corpo e respeitar o próximo, sendo assim um recurso na educação.

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais...Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada...É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia de conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação (Otte; Kovacs, [ca 2003], p. 3).

Não podemos limitar a contação de histórias; assim como ela pode ser um recurso para os pais na maneira de educar de forma afetiva e lúdica, ela vai além, pois desenvolve a oralidade, a criatividade, a atenção, o pensamento prático, a memória, entre outros aspectos. Desse modo, crianças, adolescentes, jovens e adultos que adentram um ambiente ou espaço onde ocorrem sessões de contação de histórias não sairão os mesmos.

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instalando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o elo da comunicação (Sisto, 2005, p. 28).

Nos levantamentos históricos acerca da contação de histórias, podemos identificar que existem três tipos de contadores de histórias que utilizam essa ferramenta em variados espaços, como, por exemplo: o contador de histórias ancestral, que pode ser descrito como o velho contador de histórias sem muito estudo, inserido na comunidade e reconhecido pela sabedoria da vida e de suas vivências. “[...] Um contador ainda ligado às culturas primárias” (Busatto, 2011, p. 10). “Os contadores estavam em toda parte. Eram simples camponeses, lavadeiras, amas, pescadores” (Busatto, 2011, p. 24). O contador performer/artista, que podemos afirmar ser o contador do século XXI, um realizador, um artista. Ele atua muito próximo às artes cênicas, sem dúvida, mas contar histórias não é o mesmo que atuar em uma peça de teatro.

O que separa a narração oral do espetáculo cênico são marcas frágeis, quase imperceptíveis, já que os elementos constitutivos de cada uma delas são praticamente os mesmos. São marcas pontuadas por pequenos detalhes que parecem distinguir a contação de histórias do teatro. O olhar é uma delas. A contação de histórias pede o olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte, enquanto na ação teatral, na maioria das vezes, atua-se com o conceito da quarta parede. “[...] Na contação de histórias, priorizam-se espaços onde o contador possa estar o mais próximo possível do ouvinte, propondo, assim, uma comunhão entre quem narra e quem ouve” (Busatto, 2013, p. 32).

E por fim, o professor-contador, que utiliza a contação de histórias como ferramenta de aproximação do aluno com a leitura no âmbito da sala de aula. Para captar a atenção do aluno, precisa contar histórias de maneira desabitual, diferente da maneira que o aluno o vê no dia a dia da sala de aula. Isso não significa, simplesmente, ler uma história. Se o professor puder contar a história de forma natural, sem utilizar o livro, como se estivesse realmente contando algo que aconteceu de fato, certamente vai causar grande impacto nos seus alunos.

Se a história for contada com o livro na mão, ela precisa ser preparada antes, precisa ser estudada. Sisto (2012, p. 46) ressalta: Claro que o ouvinte de uma história experimenta o prazer e a necessidade de voltar ao texto, buscar o livro, se a história

tiver sido bem contada. Portanto, não podemos arriscar e desperdiçar essa imensa oportunidade de contar uma história sem que ela esteja minimamente pronta para seduzir o leitor-ouvinte. Diante deste contexto, podemos perceber que os espaços não escolares, que possuem contações de histórias em sua rotina, são reconhecidos como espaços essenciais para o reconhecimento de identidades, compartilhamentos culturais, saberes passados de geração em geração, interação e compreensão de mundo, sendo assim um espaço amplo a ser pesquisado.

Desse modo, percebemos que a contação de histórias é uma prática que todos podem realizar, desde que apreciem as narrativas, possuam um repertório de histórias, sejam eles contos populares, “causos”, fábulas, mitos, apólogos, lendas, entre outros, e tenham uma boa memória. Contar histórias é transmitir aquilo em que acreditamos através da oralidade, e pode ser realizado com recursos, objetos, figurinos, fantoches ou apenas voz e público.

O principal instrumento do contador de histórias é seu corpo, ou seja, sua voz com ritmo, tonalidade, interpretações e entonações e seus gestos, expressões faciais e movimentos. Isso significa que o contador precisa conhecer tecnicamente seu corpo e explorá-lo durante a contação, mas além desse discernimento uma série de outras técnicas e recursos devem ser incorporados ao ato de narrar (Souza; Silva; Motoyama, 2020, p.14).

Em 1990, houve, como dizem os estudiosos, um boom, ou seja, uma explosão de pessoas interessadas em aprender a prática da contação de histórias, além do interesse das instituições em capacitar profissionais da educação e bibliotecários, tendo em vista o potencial que essa prática possui para o desenvolvimento da atenção, oralidade, escrita, além de impulsionar a imaginação e ampliar o vocabulário. Sisto (2001, p. 60) acredita que isso se deu especialmente pela difusão das bibliotecas no Brasil e pelo reconhecimento de que esses espaços não poderiam ser apenas depósitos de livros, mas sim um organismo dinâmico de produção e incentivo à leitura.

De acordo com Matos (2005, p. XVII), em 1970, o contador de histórias reapareceu em vários países, com uma roupagem nova, novos adereços, técnicas, recursos e diálogos em diversos campos, o que surpreendeu a todos, visto que havia, no contexto histórico, o início da industrialização e urbanização, e novos passos para a tecnologia e estímulos científicos.

Um colóquio internacional realizado em Paris, em fevereiro de 1989, para discutir o impacto na sociedade e na cultura devido a essa retomada dos contadores de histórias, reuniu cerca de 350 participantes, tendo 14 países representados, no “Musée National des Arts et Traditions Populaires” (Matos, 2005, p. XVIII).

Os contadores de histórias que faziam parte do movimento afirmavam que sua retomada, para além das calçadas, mas como profissionais, era uma reação às novas tecnologias, além de tudo que as acompanha, como o imediatismo, superficialidade, fragilidade nas relações e afastamento das culturas. A valorização da cultura popular e dos contos tradicionais através da contação de histórias é muitas vezes uma maneira de resguardar a origem e a própria história de cada local ou região, especialmente levando-se em conta a influência política, econômica e social que os países hegemônicos exercem sobre os demais.

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), que foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 519, em 13 de maio de 1992, e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura, pode ter sido o principal fator de contribuição para a proliferação dos contadores de histórias no Brasil, visto que sua organização considerava a prática de contar histórias fundamental para implementar o gosto pela leitura e o consumo de livros.

Vale ressaltar que este programa tem por objetivo “promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania” (PROLER, 2006). Possui em seus três eixos a formação continuada de promotores de leitura, incentivando assim a leitura em todos os espaços.

Os contadores de histórias que mais se destacaram e se destacam nacionalmente, até mesmo por terem mais visibilidade de mídia, são do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. De qualquer forma, o crescimento da figura do contador de histórias é uma constante na maioria dos estados do país (Sisto, 2001).

São variados os encontros que têm reunido os contadores de histórias em todo o mundo. A contação de histórias vem tomando novos rumos e abrangendo novos espaços nas comunidades. Em diversos países, o movimento dos contadores de histórias vem aumentando. No Brasil, existem vários coletivos de contadores de histórias que se reúnem para compartilhar seus conhecimentos tanto de forma presencial quanto virtual.

As histórias estão presentes em nossa existência, como podemos perceber no decorrer até aqui, além da trajetória de Monteiro Lobato e outros autores que se destacaram na contação de histórias. Aqui no Brasil, a contação de histórias era realizada por anciãos, griôs, pajés, guardiões de memórias que possuíam em toda sua essência a cultura de sua comunidade, como, por exemplo, a arte de manusear

as ervas medicinais nos povos indígenas, que são transmitidas através de histórias, a sobrevivência na África primitiva, os contos de Sherazade, entre outros saberes transmitidos pela palavra oral (Busatto, 2011).

Contar histórias é um dos hábitos mais antigos da humanidade. Criada como profissão, nas últimas décadas do século XX, a arte de contar histórias sempre esteve presente na alma da comunidade. O contador de história é de fundamental importância para a preservação e transformação sociocultural de um povo (Carvalho, 2015, p. 5).

Na busca por obter um marco histórico do início da contação de histórias no Brasil, podemos inferir seu surgimento através da cultura dos povos indígenas, que possuem uma sociedade de parentesco e tradição oral, ou seja, através das gerações e da palavra dita, sua cultura prevalece. Sendo assim, é a partir dessa prática existente nesses povos que se mantiveram as mais ricas manifestações culturais que resistiram à colonização dos europeus e que são transmitidas à comunidade até hoje, quase sempre pelos mais idosos.

De acordo com Caleffi (2008, p. 39):

Nas sociedades de parentescos prevalece a ideia da comunidade, o sujeito encontra seu lugar no mundo porque está inserido em uma coletividade, ali ele aprende seus deveres e os deveres da coletividade para com ele. As comunidades forma-se a partir das famílias extensas (geralmente três gerações), que estabelecem laços sociais entre si através de casamentos, ampliando os laços de parentescos. Também é possível estabelecer alianças através de um outro elemento chamado reciprocidade. Com a reciprocidade eu garanto que no momento que convidei uma outra família para partilhar de uma comida ou de uma festa serei por ela convidado em outra ocasião.

Os anciãos presentes nas comunidades são considerados os últimos representantes dos mais vastos conhecimentos e os transmitem através da oralidade. São como bibliotecas, com várias prateleiras, que, através das relações, são ligadas e formam a ciência do invisível. Porém, a arte de contar histórias não se limita, visto que todo aquele que adquire um conhecimento pode compartilhá-lo, seja ele ancião, jovem ou criança (Machado, 2015).

Os mitos ou histórias sagradas são muito contadas pelos idosos da comunidade, não porque estes detenham algum tipo de monopólio sobre elas, mas sim porque são justamente estes que estão há mais tempo no mundo, assim estão há mais tempo aprendendo, o que gera um sentimento de respeito aos anciãos, pois estes possuem uma função social importantíssima, fazendo com que em diferentes ocasiões a comunidade os consulte sobre determinados temas. Mas todos, como salientamos, à medida que vão conhecendo os mitos e histórias sagradas, estão aptos a contá-las [...] (Caleffi, 2008, p. 40).

Desse modo, entendemos que essa prática de o ancião ser aquele que possui um conhecimento que deve ser consultado de tempos em tempos está enraizada em

nossa cultura devido aos povos originários do Brasil, que possuem uma comunidade de tradição oral. Desde o contexto histórico anterior a 1500, acredita-se que eles já transmitiam seus conhecimentos através de mitos, lendas e histórias dos ancestrais, que foram passadas de geração em geração e que perpetuam até hoje, não só na comunidade indígena, mas também em todo o povo miscigenado brasileiro.

As normas de conduta social, bem como tudo o que um sujeito necessita saber para fazer parte de uma comunidade de tradição oral, encontra-se presentes nos mitos da cultura destas comunidades, nas histórias sagradas. Os mitos são as histórias exemplares vividas pelos ancestrais e pelos heróis civilizadores em um tempo considerado pré-humano e contém todos os ensinamentos necessários que um indivíduo tem que saber para pertencer a uma determinada cultura (Caleffi, 2008, p. 39).

Assim, é possível afirmar que os povos indígenas foram um dos responsáveis, aqui no Brasil, pelo surgimento da contação de histórias como prática de transmissão de cultura, tendo como transmissores primeiramente os chefes das tribos, que eram vistos como seres supremos, abençoados pelos ancestrais. Dessa forma, no período dos séculos XVI e XVII, marcado pela invasão dos europeus em terras brasileiras, a cultura desses povos e suas histórias resistiram e chegaram ao século XXI. Devemos o máximo respeito aos povos indígenas e reconhecimento não só por suas histórias, mas também por suas lutas (Caleffi, 2008).

O mito nas sociedades orais, é a verdade absoluta transmitida pelos “fundadores” das respectivas culturas. Os ancestrais míticos e os heróis culturais. Sua veracidade jamais é contestada pois são revelações sagradas. O grande equívoco, nas sociedades orais, o que nunca pode acontecer, é o esquecimento, o esquecimentos das histórias sagradas que trazem todo um universo cultural. Por isto, uma das qualidades, fonte de prestígio das lideranças, como dissemos acima, é a capacidade da oratória, pois não é um discurso próprio que essas lideranças emitem, mas sim o discurso dos ancestrais e dos heróis culturais. A memória é assim um componente fundante e fundamental (Caleffi, 2008, p. 39).

Além dos povos indígenas, podemos perceber a contribuição da ancestralidade dos povos africanos para o surgimento da contação de histórias no Brasil. Esses povos foram escravizados, retirados de suas terras e afastados de suas culturas durante o século XIX até a abolição, que ocorreu em 1888. Esse período foi marcado por horrores, visto que o sofrimento desse povo começava desde o embarque, já que os cativos viajavam nus, tinham seus cabelos raspados, e os navios vinham sobrecarregados de prisioneiros, com línguas distintas, o que dificultava o diálogo entre eles. Muitos se revoltavam ou cometiam suicídio, e outros eram vítimas de epidemias (Maestri, 2008).

Quando chegavam em terras brasileiras, os desafios eram ainda maiores. A língua dos cativos era a materna deles, e eles tinham que se desdobrar para aprender a língua dos senhores. Muitos morreram sem sequer estabelecer diálogo, e muitos traduziam para a língua materna os comandos que lhes eram entregues (Maestri, 2008).

Imaginamos a quantidade de histórias contadas, tanto do que se tinha vivido em terras africanas quanto dos horrores que vivenciaram desde o embarque até a abolição, para as suas gerações. Em busca de evitar os mesmos “erros”, de defesas, de heróis ou de reviver uma memória que lhes trazia paz em um momento histórico tão cruel. A influência da cultura desse povo, assim como a dos povos indígenas, está presente em nosso cotidiano, seja através de comidas típicas, vestimentas, na oralidade, entre outros aspectos, e isso foi passado de geração em geração através da arte da oralidade e das relações (Maestri, 2008).

A contação de histórias nesse contexto histórico era apenas o compartilhar de saberes, não havia um dia específico para a contação, onde todos se reuniam na casa do chefe ou no quilombo; era natural, parte do cotidiano. Por exemplo, em meio ao trabalho, o mais velho começava a conversar e a contar histórias sobre os guerreiros africanos, o que ajudava a amenizar as dores e o cansaço. Em meio a uma receita, as indígenas iniciavam dizendo que tinham aprendido com suas mães, e elas, com as mães delas, e o quanto essas receitas eram importantes para a comunidade.

É provável que o contador seja tão influente na formação do leitor porque isso se trata de uma prática ancestral verificada em quase todos os lugares do mundo. Por meio do ato de contação que, em geral, é transmitido de geração a geração, as experiências e sabedoria adquiridas são repassadas de memória do contador para o coração e a mente de quem escuta (Souza; Silva; Motoyama, 2020, p.14).

A contação de histórias, portanto, sempre esteve presente em nossa cultura, seja em uma conversa com os anciões, com a vizinha, com a lavadeira, através da manutenção da memória de forma oral.

Retomamos a importância de Monteiro Lobato (1882-1948) para a contação de histórias no Brasil. Suas obras merecem destaque na literatura brasileira, tendo em vista que causaram uma ruptura nos textos de influência europeia aos quais as crianças tinham acesso nos séculos XIX e XX. Sua literatura é considerada original e com grande cunho inventivo. Suas obras foram consideradas pioneiras da literatura infantil no país. Essa característica inventiva, presente nas obras de Monteiro Lobato,

era uma característica muito comum nos contos populares da época em relação aos mitos e lendas existentes em nosso território.

Monteiro Lobato, cujo nome de batismo era José Renato Monteiro Lobato, nasceu em 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, Vale do Paraíba, interior paulista. Era neto do visconde de Tremembé, avô por quem Lobato mantinha um carinho e admiração muito grandes. Esse avô foi o grande responsável pelas histórias narradas a Lobato. Ele foi uma criança que não frequentou a escola, aprendendo a leitura e escrita com sua mãe. Com mais ou menos seis anos de idade escrevia bilhetes e fazia suas primeiras pinturas (Oliveira, 2011).

Foi na fazenda de seu avô que Lobato se introduziu no mundo do conhecimento. A fazenda possuía uma biblioteca construída por seu avô, onde ele passava horas imerso em suas leituras. Em 1889, ingressou em uma instituição de ensino no Colégio Kennedy, em Taubaté, além de outras, incluindo o Colégio Paulista. No final de 1895, veio para São Paulo para ingressar no curso preparatório em Direito, porém não foi aprovado em português. Desse modo, teve que retornar a Taubaté (Oliveira, 2011).

Entre junho de 1898 e 1899, Lobato perdeu seus pais, e seu avô ficou com sua tutela e de suas irmãs. Um fato curioso é que Lobato mudou seu nome para José Bento Monteiro Lobato por conta das iniciais gravadas no castão da bengala de seu pai, que eram J.B.M.L., e, desse modo, passou a ser dono da mesma (Oliveira, 2011).

Em 1900, foi aprovado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Esse desejo de realizar uma universidade vinha de seu avô, tendo em vista que ele desejava entrar no Curso de Belas Artes. Em 1903, participou da criação do Jornal Minarete, e, nesse período, criou vários artigos sob os mais diversos pseudônimos. Assim que finalizou a universidade em 1905, retornou a Natal e assinou artigos de crítica de arte no Jornal de Taubaté (Oliveira, 2011).

Em 1911, o avô de Monteiro Lobato faleceu, e ele e suas irmãs se tornaram herdeiros das terras em Taubaté, terras que possuíam cerca de mais de 5 mil hectares. Sua fascinação pela arte e literatura ficou ainda mais latente em 1914 com a publicação de seu artigo "Uma velha praga" no jornal Urupês – SP. Seu texto trazia a imagem do seu primeiro "Jeca Tatu", homem de roça preguiçoso, que não necessitava de grandes esforços para sobreviver, um dos personagens símbolo de suas obras, que foi ainda mais explorado na sua segunda obra "Sacerdote da Grande Lei do Menos Esforço" (Oliveira, 2011).

No ano de 1916, publicou sua terceira obra na Revista Brasil, "A vingança da peroba". No ano seguinte, publicou "A criação do estilo" e, um pouco mais tarde, a compilação no livro "Ideias de Jeca Tatu", livro em que inseriu elementos do folclore brasileiro (Oliveira, 2011). Lobato, em 1917, iniciou uma pesquisa pioneira sobre o saci, na "Mitologia basílica", edição vespertina de O Estado de São Paulo, na qual ouvia a opinião pública, relatos e histórias referentes à lenda folclórica. Reuniu todas as informações coletadas e, em 1918, publicou seu livro "O Saci-Pererê: resultado de um inquérito" (Oliveira, 2011).

Ainda em 1918, lançou seu livro "Urupês", considerado sua obra-prima e um clássico da literatura brasileira. Comprou a Revista do Brasil, na qual deu início a uma seção editorial que revolucionou a produção de livros no país. Em 1919, publicou "Cidades Mortas" e "Ideias de Jeca Tatu". No ano seguinte, lançou o livro "Negrinha", no qual afirmava que era um filhote de livro para fazer uma experiência (Oliveira, 2011).

Nesse ano de 1920, Lobato lançou "A menina do narizinho arrebitado", livro no qual nasce a boneca de pano mais famosa do país, a Emília. Em 1921, o "Urupês" é lançado na Argentina; ainda nesse ano, no Brasil, foram lançados "O saci", seguido de "Narizinho arrebitado", que possuía textos inéditos e que foi adotada para estar na rede escolar pelo governo de São Paulo. No ano seguinte, "Marquês de Rabicó e Fábulas" também foi lançado e aceito para uso didático (Oliveira, 2011).

Além destes livros aceitos em âmbitos escolares, "O macaco que se fez homem", "O mundo da lua" e "Contos escolhidos", lançados em 1923, também foram adotados. Em 1924, lança "A caçada da onça" e "Jeca Tatuzinho", em que possuíam suas ilustrações bem parecidas com as histórias em HQ. Ainda nesse ano, a revolução balançou todo o país, e ainda mais o mercado editorial; o governo de Arthur Bernardes iniciou ações repressivas. Em uma dessas ações, o presidente da Editora de Lobato, a Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, foi preso por acusações de ligações com os tenentes (Oliveira, 2011).

Por conta de toda essa crise sofrida, a gráfica entrou em colapso terminal. Em 1925, Lobato adaptou seu texto "Jeca Tatuzinho" para a promoção de seus produtos, e o mesmo texto ultrapassou a marca de 100 milhões de exemplares no centenário do escritor, em 1982 (Oliveira, 2011). Em 1926, concorreu às eleições da Academia Brasileira de Letras e novamente não foi aprovado. Conheceu Anísio Teixeira em 1928, e ambos construíram uma grande amizade embasada na paixão que possuíam

pelos métodos pedagógicos para crianças. No ano em que conheceu Anísio Teixeira, Lobato lançou os livros: “O noivado de Narizinho”, “Gato Félix”, “Aventuras do Príncipe” e “A cara de Coruja”. Em 1929, lançou “O irmão de Pinocchio” e “O circo de Escavalinho” (Oliveira, 2011).

Em 1930, logo após Lobato manifestar interesse em intermediar a tradução e o lançamento de “Macunaíma” para Mário de Andrade nos EUA, vários funcionários do Itamarati foram dispensados, e um deles foi Lobato, que, não satisfeito com a situação, enviou uma carta a Getúlio Vargas relatando as conclusões a que havia chegado em seu período em terras americanas. Nesta carta, afirmava que a fraqueza do país estava no ferro, combustível e trigo, mas que, com muita garra, poderíamos recuperar nossas forças. Em 1931, Lobato retornou ao Brasil (Oliveira, 2011).

Ao retornar ao Brasil, Lobato retomou suas escritas e lançou, ainda em 1931, “Ferro, pó de pirilimpimpim” e “Reinações de Narizinho”. Em 1933, lançou “Na antevéspera”, “Histórias no mundo para crianças”, “As caçadas de Pedrinho” e “Novas reinações de Narizinho”. No ano seguinte, foi lançado “Emília no país da gramática”, uma adaptação dos contos de Perrault (Oliveira, 2011).

Em 1935, lançou “Contos leves”, “Aritmética da Emília”, “Geografia de dona Benta” e “Histórias das invenções”. Em 1936, lançou “Dom Quixote das crianças” e “Memórias de Emília”. Em 1939, houve o lançamento de “O pica-pau amarelo” e “O Minotauro”. Um fato interessante é que, nesse ano, Lobato descobriu petróleo em sua residência e, por conta disso, foi preso em 1941, mas em seguida foi concedida sua liberdade; a divulgação pelas mídias foi censurada por Getúlio Vargas (Oliveira, 2011).

Em 1943, foi ao ar pela rádio Gazeta-SP, “No sítio do pica-pau Amarelo”. Em 1945, “A menina do narizinho arrebitado” foi transformada em novela para o público infantil pela rádio Globo-RJ. A primeira série de literatura geral, das obras completas Brasiliense, em 13 volumes, foi lançada em 1946. Em 1947, foi assistir à ópera de “Narizinho arrebitado” em Salvador; ele escreveria um novo libreto para a obra, porém, em 4 de julho de 1948, Monteiro Lobato faleceu vítima de um derrame.

Diante de todo seu legado, podemos inferir que Dona Benta, Tia Nastácia e Tio Barnabé, personagens presentes na obra de Monteiro Lobato, possuem características de anciões que detêm o conhecimento, assim como os griôs e pajés. Em vários trechos das obras, podemos verificar características de contadores de histórias e mediadores de histórias (contam histórias utilizando o objeto livro). De acordo com Oliveira (2011, p. 34):

Para empregar tudo que Lobato desejava, como exemplo o folclore, achou logo uma solução. Com certeza haveria necessidade de personagens que o fizessem com alma, com expressão vivida e sentida. Como pronta solução está tia Nastácia, com suas estórias de negra velha e, perto do Ribeirão, onde os meninos do “Sitio do pica-pau amarelo” sempre visitavam, está tio Barnabé, negro velho sabido. E assim as lendas se sucedem. Tia Nastácia faz sermão, com os mitos de “lobisomem”, “mula-sem-cabeça”, “negrinho do pastoreio” entre outras.

Esses personagens com “expressão vivida e sentida” nos permitem inferir que foram a maneira como Monteiro Lobato via as narrativas populares naquele contexto histórico, como afirma Oliveira (2011, p. 31):

Uma mistura inovadora, o Real e o Maravilhoso em uma só realidade. Com crescimento e enriquecimento do fabuloso mundo de suas personagens, o Maravilhoso passa a ser elemento integrante do Real e em um lugar deste “real” se torna inverossímil ou se “des-realizar”, acontece o contrário: o inventado passa a ter foros de realidade.

Além de dar enredo aos personagens do nosso folclore, que eram em sua maioria narrados pela população, Lobato ainda fez adaptações das narrativas de La Fontaine, Fábulas de Esopo ou Pedro, Hesíodo, além da mitologia grega (Oliveira, 2011). “Monteiro Lobato usufrui o irreal de suas obras para expressar o real do cotidiano e de sua própria vivência. Cada personagem de Lobato possui um significado único e ligado diretamente ao escritor” (Oliveira, 2011, p. 38).

Essas adaptações realizadas por Lobato fazem parte da organização dos contadores de histórias do passado e também dos contemporâneos. O contador de histórias do século XXI surge com uma nova roupagem e com novos objetivos. Assim como as demais classes artísticas, ele expõe seus trabalhos por meio de espetáculos de narração oral em grandes eventos, relacionados ou não à literatura, performances orais com o domínio de técnicas vocais e corporais e critérios de seleção para a escolha das histórias (Fleck, 2007).

Era uma vez... um tempo verbal, compartilhado: a) pelas histórias populares; b) pelas crianças pequenas que se reúnem para brincar (“Faz de conta que eu era a mãe e você era o pai, tá?”); c) pelos artistas. Um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, como o do ontem ou do amanhã. No tempo espaço cotidianos eu fui, sou e serei (Machado, 2015, p. 40).

Esses contadores de histórias contemporâneos, ainda que tenham ganhado uma roupagem nova, possuem entranhado em suas características aquilo que lhes foi ensinado ou narrado pelos seus antepassados. O velho e novo “ERA UMA VEZ...” aparece com frequência em suas narrações, e, assim como escutaram em um

determinado momento, vão passando esse encantamento de uma simples frase para as novas gerações (Sisto, 2001).

De acordo com Shedlock (2004), a performance de contar histórias é de alto padrão no meio artístico e muito mais difícil que representar um papel em uma peça teatral. Vale ressaltar que a contação de histórias é bem próxima das artes cênicas, mas se difere em relação à interação direta com o público, ultrapassando o limite da quarta parede. A relação estabelecida pelo olhar no momento da contação de histórias entre quem narra e quem ouve é mais nítida. É exatamente esse olhar o fio condutor, o elo existente entre o narrador e a plateia, e é isso que difere a contação de histórias das artes cênicas. “Contar histórias é a arte de esconder a arte” (Shedlock, 2004, p. 23).

A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza como uma história para cada ouvinte ou cada leitor. Então, “Era uma vez” significa que a singularidade do momento da narração unifica um passado mítico – fora do tempo – com o presente único – no tempo – daquela pessoa singular que escuta e a presentifica (Machado, 2015, p. 42).

A contação de histórias pode acontecer mesmo que não haja música, dança, poesia, declamação, mímica, artes plásticas, tendo em vista que não existem regras quanto a isso. Alguns contadores de histórias contemporâneos utilizam objetos como recursos, outros preparam cenários e figurinos sofisticados, criam personagens para seu ser contador, mas há aqueles que, apenas com a voz, conseguem cativar o público. A verdade é que existem contadores de histórias de todas as formas, com diversos estilos; não existe um molde para ser um contador de histórias. Cada um escolhe a sua forma de narrar. Há contadores de histórias que se apresentam em grupos, duplas ou mesmo sozinhos (Fleck, 2007).

Ler e contar bem significa fazer ressoar as palavras de modo cadenciado, claro, saboreando, estando ele mesmo inteiramente presente nessa ação, sem querer nada e não ser deixar correr o fluxo da narrativa, sem querer ensinar (Machado, 2015, p. 50).

Desta forma, os contadores narram suas histórias para que seu público crie suas próprias crenças, amores, saberes; não há uma cobrança para que o ouvinte aprenda algo, uma moral, uma razão, ou até mesmo acredite no que o narrador está dizendo. Podemos inferir que o contador de histórias, ao narrar um conto, mito ou lenda, deseja que seu ouvinte tenha prazer, crie imagens em sua imaginação, recrie novas histórias ou até mesmo novos desfechos.

Outro fator que define um contador de histórias contemporâneo é o fato de ser urbano, ou seja, trabalha, estuda, vai a praças, museus, bibliotecas, vive na cidade;

contudo, ainda temos os contadores tradicionais nas diversas regiões. Mas esse contador contemporâneo consegue carregar consigo as marcas do seu tempo, apropriando-se dos recursos tecnológicos e utilizando-os como recurso em sua performance, como, por exemplo, a gravação de vídeos e o envio em plataformas digitais como YouTube, Facebook, Instagram.

Assim, a prática do contador de histórias, hoje, tem total acesso aos recursos de meios de comunicação em massa, para expandir e ampliar as possibilidades do seu trabalho, além de ter a possibilidade de encontros presenciais. Esses compartilhamentos, através da contação de histórias, abrangem ainda as diversidades existentes no mundo. Para Morin (2007, p. 15), a cultura em massa é considerada como “um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam emoções”. E o seu consumo se registra em grande parte no lazer moderno. Entretanto, ao fornecer “pontos de apoio imaginários à vida prática e pontos práticos à vida imaginária, a cultura de massa se acrescenta, ao mesmo tempo que compete e transforma outras culturas, mas não as aniquila”.

O contador de histórias, para seu desenvolvimento e ampliação de repertório, utiliza como fonte de pesquisa registros escritos, livros, vídeos, relatos orais, contos das tradições orais, crônicas, poesia, cordéis, sejam eles contemporâneos ou não. Seu campo de atuação é amplo e variado, podendo apresentar-se em eventos esporádicos, assim como regularmente em hospitais, escolas, bibliotecas, centros culturais, museus, teatros, empresas, cafés, livrarias, lojas de brinquedos, festas de aniversário (infantis e adultas), casamentos e reuniões familiares (Busatto, 2003, 2005; Ribeiro, 2006; Sisto, 2001).

A prática de contar histórias também pode ser vista como forma de restabelecer um novo sistema, uma nova organização da experiência individual e coletiva, tendo como objetivo atribuir significados à própria existência. Na visão de Hindenoch (apud Matos, 2005), é aquele que busca na memória aquilo que irá narrar, ou seja, suas lembranças, crenças e visão de mundo. É ele que irá conduzir seu caminho através de sua narração. Dito isso, o contador utiliza-se das histórias para expressar suas crenças.

No Estado do Mato Grosso do Sul, vários eventos que envolvem os contadores de histórias vêm acontecendo ao longo dos anos; porém, na busca de um marco inicial do movimento dos contadores aqui no Estado, nenhum estudo ou coleta de dados foi

encontrado. Mas podemos citar como marco referencial de encontro dos contadores de histórias um dos primeiros eventos oficiais de apresentações desses profissionais, que foi realizado na capital do Estado, Campo Grande, pelo PROLER, em 1997, quando o projeto começou.

O Comitê do PROLER Campo Grande, instituído desde 1996, tem como objetivo promover ações estratégicas de articulação e valorização de incentivo à leitura, entendendo ser o caminho para se formar cidadãos críticos e atuantes no meio onde vivem. Os eventos do PROLER, não se configuram somente em momentos de reflexões sobre a importância da leitura, mas também, e principalmente pela realização de ações promotoras a leitura, além de ser espaço para celebrar ações realizadas pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul e pelos seus parceiros: universidades, secretarias de educação e cultura com a participação de acadêmicos, estudantes, professores e a comunidade em geral (Wixsite, 2017).

O evento está prestes a completar seu 24º Encontro e contempla não só a capital, mas também diversos municípios do Estado com ações de incentivo à leitura. Para além do PROLER, outro evento em que os contadores de histórias estão presentes é o Festival de Inverno de Bonito, que realiza diversas ações culturais desde 2002. Dentre sua programação, existe um eixo destinado ao incentivo à leitura, que abraça não só o livro, escritores e poetas, mas também os contadores de histórias (Brasil, 2023).

Possuímos ainda outro festival com um eixo direcionado diretamente ao incentivo à leitura no Estado, o Festival América do Sul Pantanal, que acontece no município de Corumbá-MS desde 2006. Durante a festividade, várias ações literárias ocorrem em espaços escolares e não escolares, como contação de histórias, oficinas literárias, oficinas para a comunidade de contação de histórias, rodas de conversa, palestras, lançamentos de livros e, para finalizar, esse eixo realiza o Quebra-Torto com Letras, que consiste em um encontro com autores regionais e nacionais durante o período matutino. Ao fim dessa roda de conversa e lançamento dos livros desses autores, um delicioso café da manhã pantaneiro é servido (Diário Corumbaense, 2023).

4 O CONTADOR DE HISTÓRIA EM CORUMBÁ-MS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: RESULTADOS PROVENIENTES DA ANÁLISE DE DADOS

O movimento de contadores de histórias em Corumbá-MS vem crescendo, e é cada vez mais nítido o interesse do público diante dos eventos em que esses profissionais se apresentam ou nos espaços que oferecem, em sua rotina, a programação de contação de histórias. Assim como o déficit de estudos direcionados aos processos históricos do surgimento do movimento dos contadores de histórias performance no Estado do Mato Grosso do Sul, um estudo voltado ao surgimento do movimento em um único município também se apresentou escasso diante dos levantamentos bibliográficos.

O interesse e a procura das crianças por esses profissionais que contam histórias em espaços não escolares no município de Corumbá-MS despertaram inquietações diante da potencialidade e contribuições para o desenvolvimento das mesmas, tornando necessário o estudo e a coleta de dados para contribuir com a presente pesquisa. Em 16 de janeiro de 2024, enviamos o link do formulário criado na interface do Google Drive – Google Apps Forms para coleta de dados aos contadores de histórias que se declaram performance. A escolha do envio do formulário se deu na busca de otimizar o tempo previsto para o estudo, além da logística e demanda de trabalho dos mesmos. Para estudos futuros, acreditamos que será necessária uma pesquisa de forma presencial. As respostas presentes no formulário foram analisadas minuciosamente.

Diante dos dados obtidos, partiremos para a apresentação dos dados coletados a partir dos questionamentos realizados no formulário eletrônico Google Apps Drive aos contadores de histórias do município de Corumbá-MS e a análise deles.

A análise está estruturada de acordo com as respostas dos contadores de histórias para as questões, já citadas em momento introdutório do estudo, apresentadas como categorias da análise. As questões supracitadas foram selecionadas por dialogarem com o objetivo desta pesquisa, tendo em vista que os contadores de histórias estão atuantes na área em diversos segmentos e atuam com faixas etárias diversificadas, mas o que analisaremos são as percepções dos mesmos em relação à criança e à contação de histórias.

Vale ressaltar que os indicadores presentes nas respostas dos contadores de histórias se relacionam em diversos pontos, principalmente em relação ao seu

primeiro contato com a contação de histórias. Porém, algumas respostas presentes no formulário foram curtas, diretas e objetivas. Todas as respostas dos participantes tiveram extrema importância para a compreensão da potencialidade da contação de histórias em espaços não escolares em Corumbá-MS.

Desta forma, a partir deste momento do estudo, iremos expor a organização das categorias e subcategorias, que foram agrupadas conforme a similaridade dos conteúdos presentes, em quadros (1-8). Vale ressaltar que, assim que obtivemos os dados por meio de formulário eletrônico, realizamos uma minuciosa leitura das falas dos contadores de histórias para uma melhor compreensão.

Utilizamos a sigla “CH” como abreviação de “Contador de História”. Como tivemos 11 contadores de histórias participantes, cada “CH” irá possuir uma numeração que varia de 1 a 11 após a sigla mencionada. As respostas selecionadas e que fazem parte das categorias são aquelas que dialogam diretamente com os objetivos deste estudo.

Como já mencionado, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin (1977), que passa por algumas etapas, como, por exemplo: a pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação. A sistematização de ideias ou pré-análise de Bardin (1977) permite o direcionamento e organização de toda a pesquisa. O próximo passo é o processo de categorização, no qual há o agrupamento dos temas de acordo com os elementos comuns. A partir disso, podemos prosseguir para a inferência, ou, segundo Bardin (1977), a interpretação do material correlacionado com os pressupostos teóricos da pesquisa.

Categoria I- Primeiro contato

Quadro 3 - Subcategorias: Influência de familiares e/ou influência no processo de graduação.

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Desde a infância a literatura sempre esteve presente na minha vida, depois na formação acadêmica e perpetua até hoje como mãe, vó e professora.”
CH2	“Em sala de aula, onde ocorreu minha maior paixão.”
CH3	“Desde muito tempo[...]; A princípio trabalhamos com temas educativos como: higiene pessoal, trânsito, etc. A

partir daí a descoberta foi nítida [...]; Por fim, os projetos ultrapassaram os muros da escola e aí sim passamos a apresentar nossas histórias dramatizadas em escolas, creches, universidade e estar nesses lugares, era fantástico. Eu apesar de tudo, era muito tímida e estar vestida com uma fantasia ou estar utilizando um acessório me "sentia" e me soltava mais. Quando ingressei na universidade praticamente não havia essa magia nas aulas de literatura e fui perdendo o encanto. Porém, ao trabalhar em uma escola particular e ficar responsável pelo "Centro de leitura" (era uma salinha muito pequenina, porém com um acervo riquíssimo), não havia espaço para cadeiras, resolvi confeccionar tapetes para que os alunos pudessem se sentarem e sentirem bem à vontade. Ali recebia alunos do primeiro ao terceiro do ensino médio. Com todas as turmas, acontecia dois momentos (Leitura dirigida e Leitura livre). Na primeira sempre trabalhávamos um tema direcionado para discussão e apresentação e no segundo o aluno ficava livre para escolher suas próprias leituras. Bom, paralelo a isso, ou seja, no contra turno eu trabalhava em uma escola pública no ensino fundamental I e também realizava momentos de contação e dramatização de histórias relacionado aos temas escolares. Vim percorrendo caminhos e a literatura me perseguia e foi em 2010 quando fui convidada para integrar na Ação Social Povo das Águas para trabalhar com as crianças e adolescentes com atividades lúdicas. Daí então, comecei a estudar mais, fazer formações, cursos. Hoje atuo como contadora de histórias na biblioteca do SESI e no Programa Social Povo das Águas."

CH4

"Imposição do meu trabalho na época".

CH5

"Primeiramente das experiências que tive na infância! Segundamente de curso de formações!"

CH6	“Pelo meu pai.”
CH7	“Através de familiares.”
CH8	“[...] a contação de histórias como função em Corumbá, aconteceu quando ainda cursava Pedagogia e pude experienciar essa arte.”
CH9	“Eu ouvia histórias da minha mãe e avó, e depois eu comecei a contar histórias, embaixo da cama do meu pai, desde os quatro anos de idade. Comecei a contar profissionalmente, aos dezenove anos.”
CH10	“No estágio da faculdade na biblioteca CEU Heloísa Urt. Biblioteca pública de Corumbá.”
CH11	“Na faculdade de Pedagogia.”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

Observando a categoria I, podemos perceber que os pontos de primeiro contato com a contação de histórias ocorreram a partir do meio familiar de cada participante. Também é possível observar que alguns ambientes profissionais solicitavam desses profissionais esse tipo de ação, seja para executarem em âmbito educacional ou cultural, assim como há aqueles que tiveram seu primeiro contato durante a graduação. Além desses pontos, temos profissionais nessa categoria que, primeiramente, se tornaram o professor contador, ou seja, aqueles que contam histórias diariamente para seus alunos.

Dessa forma, podemos perceber que a família tem extrema importância para o surgimento de novos contadores de histórias, visto que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (Benjamin, 1994, p. 201). E isso podemos perceber nas falas dos contadores quando dizem: CH1- *“Desde a infância [...]”*, CH3- *“Desde muito tempo[...]”*, CH5- *“Primeiramente das experiências que tive na infância!”*, CH6- *“Pelo meu pai.”*, CH9- *“Eu ouvia histórias da minha mãe e avó, e depois eu comecei a contar histórias, embaixo da cama do meu pai, desde os quatro anos de idade [...]”*.

Essas falas, embargadas de emoções e sentimentos de memórias recentes ou não de seus entes queridos, tornam visível uma das características dos contadores de histórias, que é a generosidade. Eles oferecem sua biografia e conhecimentos e

compartilham com seus ouvintes na composição de uma boa história. Supomos que, a princípio, esses profissionais não sabiam ao certo o que era o ato de contar histórias; talvez fosse apenas um passar de tempo com aqueles que faziam parte de seu seio familiar. Esse ato de contar histórias, de acordo com Busatto (2013, p. 18), “recebeu vários nomes através dos tempos: era o rapsodo para os gregos; o griot para os africanos; o bardo para os celtas; ou simplesmente o contador de histórias...”. Cada um em seu tempo e espaço definidos a partir de seus povos e culturas.

Mas o que remete ao tempo e espaço vividos no primeiro contato desses contadores de histórias vem do livro “A literatura oral no Brasil”, em que Luís da Câmara Cascudo relata a brasilidade vivida em um tempo não tão distante:

Depois da ceia faziam roda para conversar, espalhar, dono de casa, filhos maiores, vaqueiros, amigos, vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo, mas uma exposição. Histórico do dia, assuntos do gado, desaparecimento de bois, aventuras do campeio, façanhas de um cachorro, queda de grotão, anedotas rápidas, recordações, gente antiga, valentes, tempo da guerra no Paraguai, cangaceiros, contadores, furtos de moça, desabafos de chefes, vinganças, crueldades, alegrias, planos para o dia seguinte [...] (Cascudo, 2012, p. 13-14).

Percebe-se que esse compartilhar de histórias está presente nas vidas desses contadores, tendo em vista que carregam consigo o ato de reunir, de criar intimidade, de entregar-se de maneira coletiva, de agregar pessoas, de conversar sobre assuntos do cotidiano que englobam acontecimentos reais e do imaginário. Em suas falas, rompem esse espaço da infância, do primeiro contato, e carregam para sua vida adulta e profissional o ato de contar histórias, como podemos observar: CH1-“*depois na formação acadêmica e perpetua[...]*”; CH3- “*Por fim, os projetos ultrapassaram os muros da escola e ai sim passamos a apresentar nossas histórias dramatizadas em escolas, creches, universidade e estar nesses lugares, era fantástico[...]*”.

Concordamos que os contadores de histórias não surgem apenas do seio familiar ou dos encontros de conversas do cotidiano, nem há uma receita, um local ou um dom específico. É claro que há pessoas com mais habilidades e facilidades em guardar informações, mas não há nada que determine que isso as torna melhores que as outras. Assim como temos contadores que tiveram seu primeiro contato com a contação de histórias através dos familiares, há aqueles que tiveram esse contato a partir da graduação ou no ambiente de trabalho, como podemos perceber nas falas: CH2- “*Em sala de aula [...]*”; CH4- “*Imposição do meu trabalho na época*”; CH10- “*No estágio da faculdade*”; CH11- “*Na faculdade de Pedagogia*”.

[...]. Contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar histórias é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de histórias devem ser desenvolvidas com muito critério (Cavalcanti, 2002, p. 83).

De acordo com Sisto (2001, p. 145), “[...] não existe um único jeito de ser um bom contador de histórias. Cada um de nós tem um estilo pessoal, em termos de histórias que escolhe e da maneira de contá-las”. Inferimos que cada contador de histórias participante possui sua maneira própria de narrar suas histórias, trazendo suas características, desejos e objetivos nas histórias narradas.

Categoria II - O repertório

Quadro 4 - Subcategoria: Faixa etária do público; emoções; pesquisas.

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Tudo depende do público! Porém gosto muito de histórias com fundos reflexivos e com caráter divertido, comédias!”
CH2	“Por sentimentos, emoções.”
CH3	“Crio um roteiro temático e procuro histórias que consigo encaixar neste roteiro.”
CH4	“Lendo livros do acervo, me interesso pelos que observo uma narrativa interessante e que posso levar para a contação de história.”
CH5	“Na biblioteca onde atuo cumprimos um calendário de atividades e projetos como Monteiro Lobato e Ziraldo. Então, procuro relacionar as histórias buscando títulos que venham de encontro com as atividades a serem desenvolvidas. [...] conto histórias que seleciono e que acho interessante de acordo com a faixa etária dos alunos. Quanto as histórias dos projetos, essas são referentes aos projetos e são mais pontuais. (Dia do livro, Dia da literatura, enfim.). A mesma literatura que se aplica na biblioteca, também é aplicada na Região da Águas. É um trabalho contínuo!”

CH6	“Sempre penso em duas ou três histórias, mas posso ser surpreendido e nenhuma delas servir. Hoje, eu só decido a história que vou contar, depois de ver o público.”
CH7	“Por meio de pesquisa, estudo e conhecimento sobre o público que será direcionado as histórias.”
CH8	“Eu pegava muitos livros infantis na Biblioteca do meu trabalho e ia lendo e separando os livros que tinham histórias que me agradassem.”
CH9	“Pedindo referências para outras contadoras de histórias e escolhendo as literaturas por identificação.”
CH10	“Depende do contexto.”
CH11	“Sempre de acordo com o público alvo, ex.: idade”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

Na categoria II, procuramos compreender como esses profissionais fazem suas escolhas para suas sessões de contação de histórias, se há um repertório prévio e, caso haja, onde ele se inicia. Podemos observar que existe uma variação dependendo do público e das preferências desses contadores, como podemos perceber nas falas: CH1- *“Tudo **depende do público!** Porém **gosto muito** de histórias com fundos reflexivos e com caráter divertido, comédias!”* (Grifo nosso); CH6- *“Sempre penso em duas ou três histórias, mas posso ser surpreendido e nenhuma delas servir. **Hoje, eu só decido a história que vou contar, depois de ver o público**”* (Grifo nosso); CH11- *“Sempre de acordo com o **público** alvo, ex.: idade”* (Grifo nosso).

Percebe-se que esses contadores possuem um repertório de histórias, tendo em vista que decidem quais histórias vão agrada ao público no momento da contação. Existe, nesse olhar, uma sensibilidade de percepção. Sisto (2001, p. 40) afirma que: “contar histórias nunca é uma opção ingênua. É uma maneira de olhar o mundo”. Supomos que a visão que esses contadores carregam consigo seja essa visão de mundo, o notar pela faixa etária, perceber através dos olhares e sorrisos as histórias que cada ouvinte necessita naquele momento.

Concordamos que é uma técnica ousada, mas observamos que há aqueles contadores com técnicas de pesquisa, estudos e leituras não só das histórias que irão narrar, mas também do público a quem irão se apresentar, como podemos ler nas falas a seguir: CH7- *“Por meio de pesquisa, estudo e conhecimento sobre o público*

que será direcionado as histórias.”; CH8- “Eu pegava muitos livros infantis na Biblioteca do meu trabalho e ia lendo e separando os livros que tinham histórias que me agradassem”.

De acordo com Sisto (2012, p. 33):

A prática de contar histórias desenvolveu-se muito, do fim do século passado aos nossos dias. Hoje, como atividade artística, se beneficia de normas e técnicas. E, para não ficar reduzida à “hora do conto”, em escolas e bibliotecas, exige do contador um aperfeiçoamento técnico, uma prática de leitor e um apuro crítico. E, para não haver confusão de linguagens, é preciso perceber que o contador de histórias contemporâneo difere de um contador popular, de um declamador, e de um ator, ainda que sua prática se beneficie de elementos também utilizados por esses artistas.

Percebemos segurança nas falas e nas escolhas que esses narradores realizam diante do repertório que constituíram ao longo de suas práticas. Para além das histórias que fazem parte desse repertório e dos estudos e pesquisas realizados, notamos nas falas uma intensa troca de vivências e histórias, como podemos observar: CH9- “Pedindo referências para outras contadoras de histórias e escolhendo as literaturas por identificação.”

Essa “identificação” presente na fala inferimos também que seja do público presente nas sessões. Diante das falas sobre as escolhas desses contadores, Abramovich (1989, p. 32) afirma que:

Claro que se pode contar qualquer histórias à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa...qualquer uma desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada, ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição. O critério de seleção é do contador (Abramovich, 1989, p. 32).

Categoria III - Planejamento

Quadro 5 - Subcategoria: Repertório prévio; ensaio; conhecimento do público

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Primeiro escolher o livro! Segundo fazer as marcações das pausas dramáticas! Terceiro ensaiar e para depois aplicar!”
CH2	“Roda de conversa com musicalização”
CH3	“Entender o tema pedido, local de apresentação, público alvo e tempo. Ensiar as histórias, ver recursos de

	contação e preparar com antecedência todo material necessário.”
CH4	“Busco um livro interessante, após a leitura eu anoto todo o enredo da história com minhas palavras em uma folha para que eu possa lembrar da história, busco elementos que eu tenha e que possam agregar na contação, separo uma roupa diferente e que orne com a história, por exemplo: é algo mais alegre, tento usar uma roupa com cor mais viva, se é uma história com um enredo mais causal, eu uso tênis, calça, blusa... enfim, tento estar coerente com a história. A preparação também é bem importante, é separar uns minutos antes de apresentar para repassar tudo o que foi estudado e também para controlar as emoções.”
CH5	“Semanalmente planejo para 4 sessões sendo 2 no matutino e 2 no vespertino. Já na região das Águas geralmente são 7 sessões durante sete dias.”
CH6	“Não planejo. Tenho um longo repertório e sigo reunindo histórias. Também gosto muito de inventar histórias.
CH7	“O planejamento é realizado com antecedência conforme o tempo, público e idade, para apropriação das histórias.”
CH8	“Eu lia o livros muitas vezes em voz alta para encontrar o tom, a pontuação mais adequadas. E colocava algumas ideias de elementos, objetos, ações com post it nas páginas para que eu não me esquecesse de executar o que tinha programado.”
CH9	“Normalmente leio a história antes e quando possível tiro fotos das ilustrações para poder expandir com um projetor.”
CH10	“Depende do momento.”

CH11

“Procuro sempre saber quem será meu público, procuro estudar a história que vou contar, e conhecer o espaço onde será feita a contação.”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

Tendo em vista que o ato de planejar faz parte do nosso dia a dia, da especificidade do ser humano, e que, para atingir metas e objetivos, é necessário planejar a ação. O ato de planejar está inserido em vários setores da sociedade e da vida e “exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e a eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro” (Leal, 2005, p. 1).

Além disso, o planejamento possui extrema importância para a educação, seja ela pensada em espaços escolares ou não escolares. O núcleo da Tabela 5 analisou as respostas dadas pelos contadores de histórias em relação ao planejamento que eles realizam em suas sessões. De acordo com Corsino (2009, p. 119), “o planejamento é o momento de reflexão do professor, que, a partir das suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos e sequenciais de atividades, organiza tempo e espaço [...]”.

Pensaremos aqui no contador de histórias que também realiza suas reflexões acerca de sua atividade. Assim como o professor, podemos destacar a fala do CH1: *“Primeiro escolher o livro! Segundo fazer as marcações das pausas dramáticas! Terceiro ensaiar e para depois aplicar!”*. O planejamento dele(a), podemos inferir, está sendo pensado primeiramente no impacto que sua narrativa irá causar em seu público. Outra fala que nos leva a inferir esse ato de planejar, refletir e manter uma organização é a fala do CH7: *“O planejamento é realizado com antecedência conforme o tempo, público e idade, para apropriação das histórias.”* Inferimos que saber as informações sobre o tempo e a idade é importante para esses profissionais, visto que é um dos pontos das falas que se assemelham.

Entende-se que, assim como os docentes que estão diariamente em contato com sujeitos em processo de formação humana, os contadores de histórias presentes em espaços não escolares buscam refletir e prever o que poderá acontecer com base nas experiências já vivenciadas, no contato com públicos variados e nos diferentes espaços.

[...] averiguar a quantidade de alunos, os novos desafios impostos pela sociedade, as condições físicas da instituição, os recursos disponíveis, nível,

as possíveis estratégias de inovação, as expectativas do aluno, o nível intelectual, as condições socioeconômicas (retrato sociocultural do aluno), a cultura institucional, a filosofia da universidade e/ou da instituição de ensino superior, enfim, as condições objetivas e subjetivas em que o processo de ensino irá acontecer (Leal, 2005, p. 2).

Destaca-se ainda nas falas dos contadores de histórias aqueles que realizam suas sessões sem um planejamento prévio, como na fala do CH6: *“Não planejo. Tenho um longo repertório e sigo reunindo histórias. Também gosto muito de inventar histórias. É orgânico pra mim. Tem um oceano de histórias dentro de cada um de nós.”* No campo educacional, o ato de planejar é um ato político-pedagógico, visto que, no processo de ensino, necessita-se de intenção e intencionalidade, e não possuir um plano a seguir significa correr o risco da improvisação (Vasconcellos, 2002).

Percebe-se que nem tudo que esses contadores de histórias planejam para suas sessões ocorre conforme o esperado. Refletindo sobre a idade e os espaços, é comum ocorrerem contratempos que exigirão dos mesmos uma certa improvisação, dependendo extremamente do jogo de cintura, repertório e vivências acumuladas ao longo de sua experiência para contorná-los e manter o encantamento esperado.

Na fala do CH4, percebe-se, além de toda a preocupação com o repertório, público e espaço, sua autopreparação visual: *“Busco um livro interessante, após a leitura eu anoto todo o enredo da história com minhas palavras em uma folha para que eu possa lembrar da história, busco elementos que eu tenha e que possam agregar na contação, **separo uma roupa diferente e que orne com a história, por exemplo: é algo mais alegre, tento usar uma roupa com cor mais viva, se é uma história com um enredo mais causal, eu uso tênis, calça, blusa... enfim, tento estar coerente com a história.** A preparação também é bem importante, é separar uns minutos antes de apresentar para repassar tudo o que foi estudado e também para controlar as emoções.”* (Grifo nosso).

Compreende-se, nessa fala, o quanto esses profissionais se preparam para além da narrativa, buscando recursos não só orais, mas também visuais, para que seu público adentre na história a partir desses recursos com o imaginário. Este ato de planejar dentro da arte de contar histórias, para Busatto (2006, p. 9-10), é:

[...] já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem a diferença, como um texto mais elaborado sinteticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com o domínio dos recursos vocais e corporais. Muda a forma, muitas vezes o texto e o contexto. Também muda a intenção do contar, mas permanece o que é

essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma as nossas experiências.

Categoria VI - Público

Quadro 6 - Subcategorias: Crianças; adolescentes; adultos; idosos

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Crianças, adolescentes e jovens!”
CH2	“Crianças pequenas.”
CH3	“4 a 11 anos”
CH4	“A idade costuma a ser diversa, não possui uma idade específica. Geralmente entre 4 a 16 anos.”
CH5	“Variam muito. Na biblioteca o público é de 5 a 16 anos. Atendemos as creches também. Nas Águas os adolescentes que foram nosso público a 10 anos atrás, sentam com seus filhos ainda bebês para ouvir as história, assim como os idosos também. Histórias para todas as idades.”
CH6	“De 02 a 92 anos, aproximadamente.”
CH7	“Crianças de 1 ano até a terceira idade.”
CH8	“Crianças com idade variante entre 0 a 10 anos.”
CH9	“Entre 5 e 15 anos.”
CH10	“4 aos 13anos.”
CH11	“Já fiz apresentações desde berçário até casa de idosos.”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

Em relação ao público para o qual esses contadores realizam suas sessões, há uma grande variação, tendo em vista que as histórias são para todas as idades. No entanto, as que mais prevalecem são crianças e adolescentes, como podemos perceber nas falas contidas no Quadro 6: CH1- “*Crianças, adolescentes e jovens!*”; CH2- “*Crianças pequenas.*”; CH3- “4 a 11 anos”; CH4- “*A idade costuma a ser diversa, não possui uma idade específica. **Geralmente entre 4 a 16 anos.***” (Grifo nosso); CH5- “*Variam muito. Na biblioteca o público é de 5 a 16 anos [...]*”; CH8- “*Crianças com idade variante entre 0 a 10 anos.*”; CH9- “*Entre 5 e 15 anos.*”; CH10- “4 aos 13anos”.

O contato literário da criança desde a infância, de forma oral ou codificada a partir de textos, é inferido como fundamental para o desenvolvimento. Para Coelho (2006, p. 12), “se elas escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas”. Imaginamos que a criança que possui contato com a literatura e sessões de contação de histórias desde cedo tem maiores possibilidades de se tornar um leitor fluente e, conseqüentemente, um escritor.

Abramovich (1989, p. 22) afirma que: “ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)”. Desse modo, essas crianças que frequentam essas sessões tendem a ser cidadãos críticos, com uma visão de mundo ampla. “É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...” (Abramovich, 1989, p. 17).

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-las, de aprendê-las em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (Brasil, 1998, p. 143).

Inferimos, desse modo, a importância desse contato com a contação de histórias para além dos muros da escola, considerando que o impulso no desenvolvimento psicológico, emocional e cognitivo dessas crianças também é trabalhado durante essas sessões.

Categoria V – Objetivos atingidos

Quadro 7 - Subcategorias: Respostas não verbais; interação

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Quando eles trazem ao final marcas que acompanharam as histórias contadas!”
CH2	“Quando relacionam ao seu cotidiano com a família.”
CH3	“Respostas não verbais: olhares, sorrisos, abraços e encantamento.”
CH4	“Quando percebo os olhos atentos ao que conto e aos questionamentos durante a história.”

CH5	“Pela satisfação e o prazer do público, pelo brilho nos olhos e o olhares que acompanham seus movimentos.”
CH6	“Nunca tenho um objetivo. Conto por contar. Uso se necessário, estratégias do teatro para trazer a atenção para mim, como contador: aumento a voz, crio outra personagem com outra voz. Inevitavelmente, até para quem não queira, as histórias provocam reflexões.”
CH7	“Pelos escolhas para o público e Pelos diálogos estabelecidos.”
CH8	“Até hoje sou amiga de mães que levavam seus filhos para Contação e os feedbacks são incríveis. Muita gente diz que hoje os filhos se tornaram pessoas leitoras e que as sessões de Contação ajudaram nesse processo.”
CH9	“Com engajamento dos ouvintes, a atenção dada e as discussões que a história possibilitam.”
CH10	“Pela dinâmica.”
CH11	“Quando o público interage fazendo questionamentos, brincam, riem se emocionam, com as situações colocas.”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

Na categoria V, observamos como os contadores de histórias percebem que seus objetivos com as sessões de contação foram atingidos. A afetividade e a expressão facial estão presentes nas sessões, como podemos perceber nas falas: CH3- *“Respostas não verbais: olhares, sorrisos, abraços e encantamento.”*; CH5- *“Pela satisfação e o prazer do público, pelo brilho nos olhos e o olhares que acompanham seus movimentos.”*; CH11- *“Quando o público interage fazendo questionamentos, brincam, riem se emocionam, com as situações colocas”*.

Zumthor (2000) apresenta três maneiras de performance em que o contador de histórias pode se encaixar. A primeira é aquela em que a performance é acompanhada da audição e de uma visão ampla de enunciação; a segunda é a performance com uma ferramenta de mediação, por exemplo, vídeos ou imagens projetadas; e a terceira é aquela realizada através de uma leitura solitária e visual, ou seja, a leitura do livro. Inferimos que a performance utilizada por esses contadores de histórias, a partir das

falas deles, seja a primeira, tendo em vista que ela permite a interação afetiva entre narrador e ouvinte, permitindo a participação de ambos no decorrer da narrativa.

“Performance [...] refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes nesse ato de maneira imediata” (Zumthor, 2000, p. 61). Percebemos, nas falas destacadas, que no momento da contação de histórias e após, há uma simultaneidade das ações do narrador e das reações de quem escuta, o que permite uma troca, vínculo e cumplicidade. Busatto (2005, p. 96-97) afirma que: “emissor e receptor são envolvidos pela atmosfera de cumplicidade”.

Essa cumplicidade presente é perceptível, pois esse momento é constituído por uma intenção, atenção e tensão durante as contações, que se modifica a cada instante e se perpetua na memória dos ouvintes. Há um compartilhar único de experiências entre quem narra e quem ouve as contações de histórias, o que ocorre justamente pela cumplicidade das ações entre eles, e inferimos por ser um momento ora presencial.

Na Fala: CH6- “[...] aumento a voz, crio outro personagem com outra voz. Inevitavelmente, até para quem não queira, as histórias provocam reflexões.”, percebemos que existe um preparo para que o objetivo de encantamento seja atingido, e de acordo com Sisto (2005, p. 1):

Fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. E depende tanto de quem conta quanto de quem ouve. E todo “nascimento” deve vir cercado de cuidados: o local (que deve ser apropriado); o momento (que deve ser “exato”); os gestos e movimentos (que exigem uma enorme precisão!); as palavras (que vão “desenhando” um mundo novo); a voz (que deve convidar à proximidade, ao querer estar e ao querer ficar!). Afinal, trazer qualquer coisa ao mundo é sim um enorme ato de responsabilidade.

Esse preparo para alcançar o objetivo de encantamento daqueles que ouvem as histórias contadas se torna uma experiência coletiva, visto que permite ao contador a sensação de entrega e uma expectativa em seus ouvintes ao anunciar a história que será narrada, despertando a sensação de uma promessa de alegria, prazer e novas vivências. Esse encantamento, conduzido de maneira sensível, é o que permite que a palavra se torne “corpo”, possibilitando essa troca estética, coletiva e única. Para Sisto (2005, p. 1), “esse momento é único e, quando desperdiçado, lança para além a possibilidade de uma verdadeira interação. Interação como troca de ‘inteirezas’ entre narrador e ouvinte. Há uma cumplicidade entre quem narra e ouve histórias.”

Na fala do CH8- *“Até hoje sou amiga de mães que levavam seus filhos para Contação e os feedbacks são incríveis. Muita gente diz que hoje os filhos se tornaram pessoas leitoras e que as sessões de Contação ajudaram nesse processo.”* Inferimos que a narrativa usada pelos contadores de histórias para o despertar leitor é a linguagem cotidiana, que estimula nossa imaginação e nos aproxima do que nos cerca, conquistando, assim, o reconhecimento dos ouvintes.

Contar histórias é sempre um “revelar de um segredo”. Os ouvintes ingressam na intimidade do narrador, tornando-se depositários dos mistérios e dos saberes que uma história carrega. Não se trata de um saber informativo apenas, mas poético, na base do simbólico, com uma estética que se concretiza na medida em que a performance se desenvolve. Enquanto o contador ordena as informações, através das escolhas linguísticas que realiza, o interesse do ouvinte vai sendo despertado. O que está sendo dito pelo narrador, de forma gradativa, vai aproximando-o da plateia (Schermack, 2014, p.6).

Para que essa interação ocorra, todos devem estar disponíveis, tanto o contador de histórias quanto seus ouvintes, através do simbólico que permeia a narrativa, tornando-se o elo entre eles. De acordo com Sisto (2005, p. 3), “é como dizer: ‘fecha os olhos e vem!’, mas para chegar a fechar os olhos é preciso confiança, afeto, amorosidade. Fechar os olhos e ir é só o começo da jornada.” Inferimos que é essa confiança transmitida que permite aos ouvintes darem seus feedbacks e se tornarem pessoas leitoras.

Categoria VI- Objetivo alcançado

Quadro 8 - Subcategoria: Desenvolvimento; potencialidade

Participantes	Respostas Obtidas
CH1	“Muitas! Desde o aprendizado de novas vertentes de ver o mundo, até mesmo na socialização entre seus pares e os adultos! Colabora diretamente para entender o seu lugar no mundo! A entender tudo que acontece a sua volta!”
CH2	“Quando desperta na criança seu poder de autonomia; quando a contação é libertadora e proporciona o protagonismo de cada ouvinte.”
CH3	“Nesta era tão digital despertar a imaginação e o encantamento tem sido algo necessário, urgente e muito desafiador pois lutamos com estereótipos prontos, coloridos e formatados. As crianças tem perdido a capacidade de

imaginar, criar, entrar no mundo lúdico da imaginação. A era digital traz tudo pronto e formatado não deixando espaço para o imaginário e neste ambiente entra a relevância da contação de histórias com seu poder de encantamento e descortinador de novos mundos encantados.”

- CH4 “As crianças compreendem o momento de falar, de esperar, enquanto elas estão atentas a imaginação flui pensando em diversas hipóteses e de como ela esperaria da história, de compreender as frustrações quando uma história não acaba como ela imaginava. Também não menos importante, é o fomento à literatura, as crianças tem acesso a ela de maneira lúdica, fazendo com que ela tenha o interesse em conhecer mais histórias.”
- CH5 “As histórias contribuem para a formação do ser em muitos aspectos como no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo... É uma construção de conhecimento no ser humano do princípio ao fim da vida.”
- CH6 “Potencializa competências emocionais essenciais para o mundo em que vivemos. Despertar a amabilidade, o engajamento com os outros, a autogestão, a abertura ao novo e até mesmo, a resiliência emocional. Muito importante tudo isso, o autoconhecimento desde cedo, a partir da empatia e respeito, sobretudo.”
- CH7 “Contribui de forma significativa para construção de sujeitos críticos, pensantes, pois desenvolve habilidades sócio emocionais e promove desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e social na criança, melhorando suas capacidades de interação e socialização.”
- CH8 “O fomento ao hábito de leitura.”
- CH9 “Acredito que estimula a imaginação, a linguagem, a escuta atenciosa, entre outros diversos benefícios.”

CH10	“Leva-los à interpretação, a contextualizar e potencializar a criatividade de escrita.”
CH11	“Ouvir histórias desenvolve o senso crítico, estimula a imaginação, a criatividade, aprimora a estética de cada ouvinte. A criança que ouve histórias constantemente tem mais facilidade para criar textos, tem boa fluidez na narrativa.”

Fonte: Informações elaboradas pela autora (2024).

A categoria VI busca analisar e compreender, através da ótica e das percepções dos contadores de histórias, as contribuições para o desenvolvimento das crianças por meio das contações realizadas em espaços não escolares.

A compreensão dos contadores em relação à contribuição para o desenvolvimento das crianças a partir das contações de histórias é evidenciada em várias falas, como podemos observar: CH5- *“As histórias contribuem para a formação do ser em muitos aspectos como no seu **desenvolvimento afetivo, cognitivo...** É uma construção de conhecimento no ser humano do princípio ao fim da vida.”*; CH7- *“Contribui de forma significativa para **construção de sujeitos críticos, pensantes, pois desenvolve habilidades sócio emocionais e promove desenvolvimento **cognitivo, afetivo, físico e social na criança, melhorando suas capacidades de interação e socialização.****”*; CH11-*“Ouvir histórias **desenvolve o senso crítico, estimula a imaginação, a criatividade, aprimora a estética de cada ouvinte. A criança que ouve histórias constantemente tem mais facilidade para criar textos, tem boa fluidez na narrativa**” (Grifo nosso).*

Para eles, a contação de histórias contribui diretamente para o desenvolvimento afetivo, cognitivo, físico e social, além de impulsionar o desenvolvimento de sujeitos com senso crítico. Infere-se que a contação de histórias auxilia na formação dessas crianças, no impulso da compreensão e absorção dos significados, o que pode ser primordial para os desenvolvimentos citados acima.

A partir das falas desses contadores, podemos perceber ainda que as crianças, a partir da contação de histórias, apresentam uma atitude analítica simplificada em relação às narrativas apresentadas, demonstrando, por meio de seus comentários, hipóteses e problematizações durante as histórias, o desenvolvimento do pensamento crítico. De acordo com Faria (2010, p. 59):

Um trabalho minucioso com crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundara a leitura de imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de absorção, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio.

Nas falas dos CH, percebemos ainda dizeres específicos relacionados ao desenvolvimento das crianças, que inferimos serem fruto de observações e trocas durante as sessões de contação de histórias, como em CH4, que diz: ***“As crianças compreendem o momento de falar, de esperar, enquanto elas estão atentas a imaginação flui pensando em diversas hipóteses e de como ela esperaria da história, de compreender as frustrações quando uma história não acaba como ela imaginava. Também não menos importante, é o fomento à literatura, as crianças tem acesso a ela de maneira lúdica, fazendo com que ela tenha o interesse em conhecer mais histórias”*** (grifo nosso).

Em relação aos apontamentos realizados pelo CH4, Abramovich (1999, p. 143) afirma que a criança, ao escutar uma contação de histórias, “[...] desenvolve todo potencial crítico”, e, a partir disso, ocorre uma certa inquietude em seu ser. A criança, nas falas da autora, “[...] pode pensar, duvidar, perguntar, questionar... pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...”. Essa troca e abertura que a contação de histórias permite entre o narrador e o ouvinte, inferimos ser o impulso necessário para o desenvolvimento do pensamento crítico da criança, tendo em vista que, em muitos espaços, as crianças são silenciadas ou até mesmo tolhidas em relação a suas opiniões, tendo que acatar sempre a opinião dos “mais velhos”.

Supomos que, com esses desenvolvimentos sendo estimulados a partir do encantamento das histórias, fica perceptível na criança sua autonomia e visão de mundo, como podemos perceber na fala do CH2, que diz: ***“Quando desperta na criança seu poder de autonomia; quando a contação é libertadora e proporciona o protagonismo de cada ouvinte”*** (grifo nosso). Imaginamos que as histórias aguçam nas crianças a criatividade, levando-as a um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (Abramovich, 1999, p. 24).

Além disso, percebe-se que a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da escrita e do desejo leitor, como é perceptível nas falas: CH8- “*O fomento ao hábito de leitura.*”; CH10- “*Leva-los à interpretação, a contextualizar e potencializar a criatividade de escrita*”. Diante disso Cardoso (2016, p. 08) ressalta que,

[...] a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos e interpessoais.

Os CH destacam ainda as percepções diante da compreensão de mundo presente no desenvolvimento das crianças, como podemos verificar: CH1- “*Muitas! Desde o aprendizado de novas vertentes de ver o mundo, até mesmo na socialização entre seus pares e os adultos! Colabora diretamente para entender o seu lugar no mundo! A entender tudo que acontece a sua volta!*”. Nota-se que isso é possível, tendo em vista as possibilidades de mundo apresentadas através das narrativas. Em relação a essas histórias contadas, que possibilitam visões de mundo, Abramovich (1999, p. 16) afirma que “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”.

Percebemos que, em um mundo tão globalizado, em que as informações estão a um toque dos dedos e temos acesso a essas ferramentas desde muito cedo, a contação de histórias é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da imaginação, muitas vezes minimizada diante das telas. Isso fica ainda mais perceptível diante da fala: CH3- “***Nesta era tão digital despertar a imaginação e o encantamento tem sido algo necessário, urgente e muito desafiador pois lutamos com estereótipos prontos, coloridos e formatados. As crianças tem perdido a capacidade de imaginar, criar, entrar no mundo lúdico da imaginação. A era digital traz tudo pronto e formatado não deixando espaço para o imaginário e neste ambiente entra a relevância da contação de histórias com seu poder de encantamento e descortinador de novos mundos encantados***” (grifo nosso).

Partindo do pressuposto de que imaginação e fantasia são bases no processo criativo, Dantas (2010) salienta que, ao lidar com as variáveis subjetivas, a contação de histórias é uma referência para impulsionar a criação de espaços de encantamento. Nesse sentido, este autor nos permite refletir que os processos de desenvolvimento perpassam processos racionais, lógicos e emocionais, quando nos permitimos a

vivência nesses mundos de encantamento, tendo em vista que esses aspectos cognitivos são otimizados. Nas palavras de Dantas (2010, p. 01):

Há muito é sabido do prazer que é sentar em roda e ouvir uma gostosa história. O sabor remonta a passados longínquos e, apesar das inovações tecnológicas, é sempre com renovado anseio e deleite que nos dispomos a ouvir uma história. Todos nós, adultos e crianças.

Além disso, acreditamos, a partir das percepções dos CH, que o desenvolvimento da criança como um ser social e humano, quando ela possui contato com a contação de histórias, apresenta um impulso na empatia, respeito e cuidado nas relações com seus pares, como podemos observar nas falas: CH6- ***“Potencializa competências emocionais essenciais para o mundo em que vivemos. Despertar a amabilidade, o engajamento com os outros, a autogestão, a abertura ao novo e até mesmo, a resiliência emocional. Muito importante tudo isso, o autoconhecimento desde cedo, a partir da empatia e respeito, sobretudo.”***; CH9- ***“Acredito que estimula a imaginação, a linguagem, a escuta atenciosa, entre outros diversos benefícios”*** (grifo nosso). A contação, nas palavras de Carvalho (2021, p. 54), “[...] contribui para que a criança tenha um olhar em relação ao outro, tornando-se mais sensível, podendo inclusive desenvolver o senso de empatia, tão necessário para a convivência social”.

A contação de histórias, portanto, possui, a partir da ótica do contador de histórias, uma importância significativa no processo de desenvolvimento das crianças que frequentam os espaços não escolares. Inferimos o quanto o contato das crianças com a contação de histórias é um ato coletivo e social, com potencial para a formação de cidadãos com senso crítico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado teve como objetivo abordar as potencialidades e contribuições da contação de histórias no desenvolvimento de crianças, a partir da ótica e percepções dos contadores de histórias, em espaços não escolares presentes na cidade de Corumbá/MS. Esta investigação foi realizada com base na bibliografia de diferentes teóricos que tratam do assunto e comprovam a importância da contação de histórias em vários segmentos da sociedade, além de sua relevância para o desenvolvimento da criança. Além disso, contou com uma coleta de dados significativa para a compreensão da potencialidade e impacto da contação de histórias para as crianças que frequentam esses ambientes não escolares.

Percebemos, ao longo da investigação, que a contação de histórias incentiva a socialização da criança e melhora a relação com seus pares. Quando a história é bem contada, instiga a criança a procurar mais conhecimento através do hábito de leitura, possibilitando a formação de um futuro leitor, estimulando a imaginação, melhorando o vocabulário e a oralidade. No entanto, para que a criança possa ter seu pleno desenvolvimento, é necessário que ela seja estimulada desde pequena.

Constatou-se, com base na ótica e percepção dos contadores de histórias, que o desenvolvimento da criança acontece por meio de um processo elaborado pela própria criança, com base nas interações que experimenta. Sendo assim, acredita-se que a contação de histórias colabora em seu processo de desenvolvimento, além de fortalecer valores sociais como respeito, amizade, amor, lealdade, justiça, empatia, sensibilidade, entre outros. Proporciona a capacidade de compreensão da realidade em que vive, além de percepções do mundo que a cerca, impulsiona a curiosidade, a criatividade e a socialização, colaborando com a formação de sua identidade pessoal.

É possível afirmar que a contação de histórias, apesar dos avanços tecnológicos, é uma arte única que perpassa as gerações e é capaz de atingir desenvolvimentos a partir do encantamento, despertando o senso crítico e a capacidade de formular hipóteses durante suas sessões. Acreditamos que essa análise de dados possibilitará estudos futuros a partir da ótica e percepções das próprias crianças que frequentam esses ambientes. Vale ressaltar que a busca por compreender e analisar o desenvolvimento de crianças através da contação de histórias, sob a ótica desses contadores, foi um imenso desafio, instaurado por meio da imersão na realidade pesquisada. Disso decorre a coleta de dados como aporte

principal deste estudo. Obter dados por meio do uso deste instrumento permitiu a compreensão do que converge e do que se contrapõe, as idiosincrasias, enfim, um olhar amplo de vários ângulos.

A contação de histórias, portanto, possui potencialidade e grande importância para o desenvolvimento de crianças que vivenciam essa arte em espaços não escolares. Ao término deste estudo, almeja-se que ele possa servir como referencial para outros estudos, tendo em vista que o tema estudado não se finda e poderá subsidiar reflexões e debates sobre a importância da contação de histórias em vários segmentos da sociedade. Vale ressaltar que a coleta de dados como aporte principal deste estudo possibilitará estudos futuros.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Abramovich, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

Abreu, Ângela Maria Teixeira. **LITERATURA INFANTIL. Leitura e Prazer no contexto da biblioteca pública**. Fortaleza- CE, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/37758/1/2005_tcc_amteixeiraabreu.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

Aguiar, Antenor. **A magia da arte de contar histórias**. Aracaju: Info Graphics, 2013.

Alberti, Verena. **Ouvir contar: Textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Araújo, Márcia Maria de Mello. **Gênese e tradição das cantigas de amigos na Idade Média peninsular**. Pires do Rio- GO, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/Downloads/3156-Texto%20do%20artigo-11507-1-10-20150615.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

Bardin, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

Barbosa, Tatiana Rodrigues. **Crianças pequenas e consumo: que lugar a escola ocupa?** 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/Downloads/ARTIGO10+VOL+4+2012+TBARBOSA.pdf>. Acesso em: 13 Ago. 2023.

Brasil. **Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul**. Festival América do Sul Pantanal. Campo Grande, MS, 2023. Disponível em: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/Geral/festival-america-do-sul-pantanal/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Brasil. **Ministério da Educação**. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEFA, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: 18 mai. 2024.

Benjamim, Walter. **O narrador**. In: *Magia e Técnica, arte e política. Ensaios Sobre Literatura e Histórias da Cultura. Obras Escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Bussato, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Busatto, Cléo. **Narrando histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 132 f. 2005. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

Busatto, Cléo. **Contar e encantar- pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Busatto, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição oral e ciberespaços**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Cademartori, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos, 163).

Caldeira, Laura Bianca. **O conceito de infância no decorrer da história**. 2010. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

Caleffi, Paula. Educação autóctone nos séculos XVI ao XVIII ou Américo Vespúcio tinha razão? In: stephanou, Maria; bastos, Maria Helena Câmara. (Org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil** - Vol.1: Séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 32-43.

Cardoso, Márcia Regina Gonçalves; Oliveira, Guilherme Saramago de; Ghelli, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa**. Cadernos da FUNCAMP, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/Downloads/2347-Texto%20do%20Artigo-8462-1-10-20210325-2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Cardoso, Ana Lúcia Sanches. **A contação de história no desenvolvimento da Educação Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 7, n. 1, 2016. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ana-lucia-sanches.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2024.

Carvalho. Márcia Evelin de. Form@re. **Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 3, n. 2, p. 19-32, jul. dez. 2015.

Carvalho, Natalia. **As contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança no ambiente da Educação Infantil**. Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 5, p. 47-60, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/Downloads/2142-Texto%20do%20artigo-5568-1-10-20211220.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2024.

Cascudo, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 1ª edição, São Paulo: Global, 2012.

Cavalcanti, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

Coelho, Beth. **CONTAR HISTÓRIAS uma arte sem idade**. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

Corsino, Patrícia (Org.). **Educação Infantil: Cotidiano e Políticas**. Campinas- SP: Autores Associados, 2009.

Clouzot, Martine. **Um intermediário cultural no século XIII: o jogral**. *Signum*, n. 7, p. 63-98. 2005.

Chizzotti, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2006.

Chizzotti, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Dantas, Hosaná dos Santos. **A arte de contar histórias- Espaços de Encantamento e o Desenvolvimento de Pessoas**. São Paulo: Criar, v. 1, 2005.
Dinorah, Maria. **O Livro Infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1996. 76p.

Faerman, Marcos. **Câmara Cascudo. Coleção “Navegando pela história da educação brasileira”**. 2006. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/camara-cascudo>. Acesso em: 08 nov. 2023.

Fajer, Roberta Fernandes; ARAÚJO, Margarete Panerai. **Memória e cultura em Ariano Suassuna**. Caxias do Sul, RS. 2021. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/memoria-e-cultura-em-ariano-suassuna/>. Acesso em 15 nov. 2023.

Faria, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

Ferreira, N. S. A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. *Educação & Sociedade*. Campinas, SP. V. 23, n. 79, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Fleck, Felícia de Oliveira. **O contador de histórias: uma nova profissão? Encontros Bibli (UFSC)**, v. 23, 2007. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>. Acesso em: 26 nov. 2022.

Godoy, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. ERA- Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar.- abr., p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCggnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Gohn, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/OneDrive/Imagens/TEXTOS%20PARA%20O%20MESTRADO/GLORIA%20GHON%20ED%20N%20FORMAL%203.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Gohn, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social**. Rio de Janeiro- RJ, 2009. Acesso em: <file:///C:/Users/melin/OneDrive/Imagens/TEXTOS%20PARA%20O%20MESTRADO/GLORA%20GHON%20ED%20N%20FORMAL%201.pdf>. Acesso em 15 mar. 2024.

Gohn, Maria da Glória. Educação não formal: novo campo de atuação. Rio de Janeiro-RJ, 1998. Disponível em:http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40361998000400005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 mar. 2024.

Lasolo, Marisa, Zilberman, Regina. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Lakatos, Eva Maria; marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

Leal, Regina Barros. **Planejamento de ensino: peculiaridades significativas**. IN: Revista Ibero- Americana de Educação, OEI, nº 37/3, 2005. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/deloslectores/1106Barros.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2024.

Lima, Karina. Quebra-torto com letras é tradição na programação do FAS. **Diário Corumbaense**. Corumbá, MS, 2023. Disponível em: <https://diarionline.com.br/?s=noticia&id=141602>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Machado, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª edição. São Paulo: editora Reviravolta, 2015.

Maestri, Mário. A pedagogia do medo: Disciplina, aprendizado e trabalho na escravidão brasileira. In: Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena Câmara. (Org.) **Histórias e memórias da educação no Brasil** - Vol. I: Séculos XVI-XVIII. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 192-209.

Mainguenau, Dominique. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. Cadernos de estudos linguísticos, v. 19, 2012.

Matos, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas exercícios práticos e um repertório para encantar**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Matos, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez. 2001.

Mello, Alba Caldeira. **O alvorecer na literatura medieval: um estudo sobre as canções Alba românicas**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em:https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-98KJGV/1/x_disserta_o_alba.pdf. Acesso em: 6 set. 2023.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Minayo, Maria Cecilia de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Revista e atualizada. 25. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 9-29.

Moraes, Roque. **Análise de Conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

Morin, Edgar. **Cultura de massas no séc. XX: neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

Munduruku, Daniel. **Literatura Indígena. Overmundo.** Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena>. Acesso em: 14 Ago. 2023.

Oliveira, Linete de Souza; Dalla, Andreza Bernardino. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental.** São Paulo: Educere ET Educare. Revista de Educação, v. 6, n. 12, jul./dez, p 235 -249, 2011. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/28742/1/BRUNA%20VIVA%20OLIVEIRA%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 15 Abr. 2024.

Oliveira, **Bruna Viva. A importância de Monteiro Lobato na literatura.** São Paulo, 2011.

Oliveira, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 2007.

Otte, Monica Weingärtner; Kovács, Anamaria. A magia de contar histórias. Florianópolis: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, [ca. 2003]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/67989000/A-Magia-de-Contar-Historias>. Acesso em: 23 janeiro. 2023.

Paulino, Graça; Cosson, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola.** In: Zilberman, Regina; Rösing, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Proler. **Programa Nacional de Incentivo à Leitura.** – Decreto nº 519/92 de 13 mai. 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm#:~:text=2%C2%BA%20Constituem%20objetivos%20do%20PROLER,condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20acesso%20ao%20livro. Acesso em: 10 nov. 2022.

Ribeiro, Jonas. **Ouvidos dourados: a arte de ouvir as histórias (...para depois contá-las...).** São Paulo: Ave Maria, 2006.

Rodrigues, Alcione. Luís Câmara Cascudo e a literatura oral- Estratégias de leitura. Paraná, 2016. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unespar-uniaodavitoria_alcionerodrigues.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

Rodrigues, Scheila Leal. **Literatura Infantil: origens e tendências**. 2013. Disponível em:
<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/LINGUAGEM%20E%20DESENVOLVIMENTO%20SOCIOCULTURAL/ARTIGOS/LITERATURA%20INFANTIL%20ORIGENS%20E%20TENDENCIAS.PDF>. Acesso em: 15 set. 2023.

Sampieri, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 2021.

Santos, Fatima Verônica. **Contar histórias a partir da tradição Griot**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
<https://www.portalabrace.org/vicongresso/estudosperformance/F%20Fatima%20Ver%20F%204nica%20-%20Contar%20historias%20a%20partir%20da%20tradi%20E7%20E3o%20do%20griot.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2023.

Silva, Aline Luiza da. **Trajatória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade**. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/melin/Downloads/234-1-759-1-10-20100625.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Sisto, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte da narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

Sisto, Celso. **A arte de contar história e sua importância no desenvolvimento infantil**. 2006. Disponível em:
<http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

Sisto, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.

Sisto, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

Souza, Renata Junqueira de; SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto-; Motoyama, Juliane Francischeti Martins. **Ler e ensinar: contar e dizer histórias**. 1ª ed. Presidente Prudente, SP: CdeA Campos Editora, 2020.

Suassuna, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir S.A, 1975.
 Schermack, Keila de Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital: convivências em mundos de encantamento**. 2014. Disponível em:
<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilaschermack.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2024.

Shedlock, Marie. **Da introdução de A arte de contar histórias**. In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC, 2004.

Silva, Jonathan Chasko da; ARAUJO, Alcemar Dionet de. **A metodologia de pesquisa em análise de discurso**. Grau zero- Revista de Critica Cultural, 2017.

Silva, Daniele Gallindo Gonçalves. Wolfram Von Eschenbach. In: Souza, Guilherme Queiroz de; Nascimento, Renata Cristina (Org.). **Dicionário: cem fragmentos biográficos. A idade média em trajetórias**. Goiânia: Tempestiva, 2020, pp. 337-342.

Vasconcellos, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2002.

Wallon, Henri. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

Wixsite. **Comitê Proler 2017**. Campo Grande, MS. 2017. Disponível em: <https://prolerms.wixsite.com/prolerms/comiteproler>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Vygotsky, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Yin, K Robert. **Estudo de caso planejamento e métodos**. São Paulo: Artmed, 2001.

Zumthor, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.